ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

MONTEIRO LOBATO: UM PERSONAGEM DE SI MESMO

ALCIONE RITA FORNAROLLI MOREIRA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
REG Nº 7484
Data 06 / 11 / 02

78x1
C 82569439

82.09
M835m

Pontes e Lacerda, agosto de2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

MONTEIRO LOBATO: UM PERSONAGEM DE SI MESMO

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. José Maria de Souza

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo e filhos, porque compreenderam a minha ausência e apoiaram-me nas dificuldades.

Aos meus familiares, pelo incentivo.

Aos professores e colegas, pela contribuição e participação desta fase do meu crescimento tanto pessoal como profissional.

Ao professor José Maria pela orientação dada.

Em especial às amigas, Teresa e Irlana, porque acreditaram no meu potencial.

Aos imortais, pela inspiração.

O meu melhor livro seria o que eu contasse como e porque escrevi meus contos, um por um; a história deles é melhor que eles.

Monteiro Lobato

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....

CAPÍTULO I

Monteiro Lobato: escritor-personagem.....

CAPÍTULO II

Um olhar sobre o processo de formação das personagens de Lobato.....

CAPÍTULO III

Jeca Tatu ou o brasileiro atropelado.....

CAPÍTULO IV

Emília protagonista.....

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

ANEXOS.....

INTRODUÇÃO

A literatura infantil escrita por Monteiro Lobato vem acompanhando as gerações no decorrer do tempo, seja através dos livros ou pelos programas de televisão. O contato com Lobato remonta desde a minha infância, uma vez que na biblioteca da família tinha várias obras do referido escritor. Minha mãe e minhas tias, todas professoras instigavam-me à leitura. Monteiro Lobato, era o escritor recomendado pelo alto nível de seus escritos.

Através dos livros conheci o mundo fantástico do Sítio do Picapau Amarelo. Seus habitantes, ora podiam ser caracterizados como reais, ora como seres imaginários. O limite entre o real e o imaginário se confundiam. Logo depois, pude conhecer ainda mais da literatura lobatiana através da televisão, quando a série era veiculada pela TV Bandeirantes. Naquele tempo a televisão ainda era em preto e branco.

Tanto nos livros, quanto no programa de televisão, seja no passado ou na atualidade, Emília é a personagem que se destaca de todas as outras. Seu carisma conquista o leitor ou o telespectador de imediato. Sua alegria de viver e espontaneidade,

sua simplicidade e criatividade para tratar dos assuntos sérios e complexos dão ao leitor novas perspectivas sobre assuntos que parecem sem solução. Na verdade ela torna a vida mais simples, mais bonita de ser vivida.

Emília, como todos sabem, nasceu das mãos de Tia Nastácia. Foi feita de um pedaço de pano ordinário, recheada de macela (planta medicinal). Numa de suas aventuras com Narizinho, Emília engole uma pílula e começa a falar pelos cotovelos. Desse dia em diante, passa a ter um papel fundamental nas histórias lobatianas.

Durante toda a minha infância tive contato apenas com as personagens da literatura infantil e sequer sabia que Monteiro Lobato tinha começado sua carreira de escritor, escrevendo para adultos. Ao ingressar na adolescência este quadro se modificou. Acontece que era de praxe na minha família que todo aquele que chegasse à adolescência, fosse homem ou mulher, deveria iniciar-se no mundo do trabalho. Isto significava trabalhar na farmácia, ramo de comércio tradicional da família. Hoje já não temos mais este tipo de comércio, mas ainda temos pessoa da família trabalhando nesse ramo.

Foi trabalhando na farmácia que pude conhecer o Almanaque Fontoura. Este livreto propalava os benefícios dos medicamentos produzidos pelo laboratório em questão, cujo carro chefe era o *Biotônico Fontoura*. Este medicamento ainda hoje continua fazendo sucesso nas prateleiras das farmácias e drogarias, pois é indicado no combate à anemia que é uma das conseqüências do amarelão.

O leitor com certeza já deve estar se perguntando o que estas reminiscências da adolescência têm a ver com este estudo monográfico? Na verdade tem tudo, porque o

objeto deste estudo se originou de uma história escrita no referido almanaque intitulada Jeca Tatu .

Para quem não se lembra, Monteiro Lobato, criou o personagem Jeca Tatu, que retratava a figura do caboclo. A princípio Lobato atribui à personagem a inércia, a indolência, a falta de vontade progredir. Logo depois muda de opinião ao conhecer o relatório Saneamento do Brasil, documento esse que fala das péssimas condições de vida do homem do campo. Ao tomar conhecimento das causas e conseqüências deste fato, Lobato reconhece que errou ao julgar parcialmente uma realidade que desconhecia na sua totalidade.

De acusador passa então a defensor do homem do campo. Sabendo que o amarelão era considerado a maior peste entre o trabalhadores rurais, libera o personagem para que o laboratório Fontoura, através do Jeca Tatu, devidamente adaptado como Jeca Tatuzinho, ensine noções de higiene e saneamento às crianças, bem como promova seus produtos em especial a Ankilostomina e o Biotônico.

O laboratório farmacêutico usa um dos seus melhores e mais acessíveis instrumentos de propaganda, o almanaque, para nele apresentar uma nova versão do Jeca Tatu. Na versão, em anexo, Jeca Tatu após ser devidamente orientado por um médico, e após tomar os remédios do laboratório Fontoura, passa a ser um novo homem, sadio, trabalhador, empreendedor, uma figura muito diferente da versão original. Como sabe que o amarelão é uma praga que só traz malefícios a todos que se contaminam, Jeca Tatu opta por colocar botinas em todos os habitantes do sítio, inclusive nos bichos.

De tudo o que minha memória conserva acerca de Jeca Tatu, fica-me a impressão mais forte, a do homem dominado e culpado pelas mazelas do mundo. Isto instigou-me a retomar o personagem original, o das histórias de Lobato, na obra Urupês que retrata uma personagem cerceada em todos os sentidos pelo silêncio, pois a ele não é dado vez, nem voz. Ele é usado como um instrumento para fazer a história de uns poucos.

Jeca Tatu e Emília além de serem os dois personagens que mais se destacaram na obra de Monteiro Lobato são os que mais me encantam por dois motivos. Foram criados em épocas bem diversas da vida do escritor e apresentam características contrastantes.

Através da figura caricata do Jeca Tatu, sua primeira criação, o escritor denuncia a miséria ignóbil em que vive o brasileiro, sem contudo, dar palavra ao personagem. O contrário acontece com Emília, a sua última criação. Através dela o escritor, extravasa sua mágoa, sua revolta, critica, propõe soluções, ironiza, questiona, ensina e diverte as crianças, os jovens e também os adultos.

Por muitos anos as diferenças e os contrastes desses dois personagens fizeram eco em meu íntimo. Só agora tenho a oportunidade de descobrir porque me incomodava tanto, ora com o mutismo de um, ora com a loquacidade do outro. Dentre outras coisas busco compreender que significado os dois têm no universo humano? Que contribuição deram ao mundo dos homens? Que leituras podemos fazer da sociedade e de seus limites e possibilidades a partir destes personagens?

Estas são questões que nortearão o presente estudo numa busca pela reflexão acerca da literatura infantil e de seu papel no desvelamento do mundo.

CAPÍTULO I

MONTEIRO LOBATO: ESCRITOR-PERSONAGEM

> *Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena – e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo*
>
> (Na antevéspera, prefácio à 1.ª edição, 1933)

O Brasil possui uma gama de autores com grande potencialidade, cujos trabalhos expressam com clareza a cultura e a sociedade brasileira. Alguns autores trabalham enfatizando as culturas regionais, que são de uma imensa variedade, em virtude da grandeza territorial do Brasil.

Podemos ver isso em Guimarães Rosa, que ressalta a vida do sertanejo (mineiro), e em Graciliano Ramos em sua obra *Vidas Secas,* que mostra a saga de um povo que vive numa das regiões mais secas do país. Dentre os grandes nomes de escritores que temos no Brasil, nos interessa, especificamente destacar Monteiro Lobato, como escritor para crianças como ficou mais conhecido. Lobato é considerado, ainda hoje, *o pai da Literatura Infantil* e também como o *divisor de águas da literatura* neste gênero.

Alguns autores usam suas obras para mostrar, criticar ou até mesmo esclarecer o povo dos acontecimentos, que muitas vezes assolam o Brasil. Tal atitude tem no decorrer dos tempos incomodado as pessoas que dirigem o país ou fazem parte do alto escalão. Por este motivo muitos escritores foram exilados e perseguidos durante algum tempo da nossa história, principalmente num país que desde seu descobrimento passa pelos mais variados tipos de problemas como as diferenças sociais, culturais, econômicas entre outras. Monteiro Lobato, foi um destes escritores.

Lobato tinha como estilo escrever de maneira fácil, isso porque considerava-se, na época, *sem papas na língua*. Tinha uma narração agradável, linguagem moderna e uma temática genuinamente brasileira. Com este estilo conquistou crianças e adultos. Uma das características que mais se destacam nas obras de Lobato é o sentido político e social, que procurava imprimir em algumas de suas obras, presente até mesmo nas puras fábulas cuja intenção e motivação do autor são desta natureza. Na sua atuação como jornalista e editor conseguia usar meios para dizer suas verdades, no fundo era de um visionário que não se contentava com os rumos que o Brasil tomava. Lobato era anti-convencional por excelência, dizia sempre o que pensava, agradasse ou não. O fato de ser ani-convencional não o impediu de entrar em confronto com o grupo Modernista dos Andrades, o que de certa forma o impossibilitou de tomar parte deste mesmo grupo.

Em parte as obras de Lobato, têm um teor basicamente político, porque mostram a preocupação com a situação da população brasileira, bem como as lutas pelas mudanças necessárias na sociedade, a preservação da cultura e a igualdade social e econômica.

Diante destes fatos, faz-se necessário fazer uma breve retrospectiva sobre alguns aspectos importantes das atividades e da vida de tão ilustre personalidade como foi Monteiro Lobato, um homem que se tornou responsável pela formação literária de muitas gerações.

Monteiro Lobato, nasceu no dia 18 de abril de 1882, em Taubaté, Estado de São Paulo. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Recebeu o nome de José Renato Monteiro Lobato, nome que altera para José Bento Monteiro Lobato, tendo em vista o desejo de usar uma bengala herdada de seu pai que tinha gravadas as iniciais J.B.M.L.

Monteiro Lobato, cujo apelido era Juca, tinha duas irmãs que se chamavam Ester e Judite, que eram suas companheiras de brincadeiras e travessuras. Nas suas brincadeiras utilizavam brinquedos produzidos por eles mesmos, feitos toscamente de sabugos de milho, chuchus, mamão verde, entre outros. O sabugo de milho, tornou-se um elemento importante, porque mais tarde fora personificado como o Visconde de Sabugosa. Lobato foi alfabetizado por sua mãe e logo depois teve um professor particular. Aos sete anos entrou para a escola.

Lobato foi um leitor compulsivo desde muito cedo e isso permitiu que ainda na sua infância lesse toda a literatura escrita em língua portuguesa para crianças. Além dos livros, tinha verdadeira paixão por caçadas e pescarias, formas de distração que posteriormente fizeram parte de seus livros.

Aos 13 anos foi para São Paulo prestar exames no curso preparatório para o ingresso na Faculdade de Direito por imposição de seu avô, uma vez que a preferência de Lobato era a Escola de Belas Artes.

Ainda na adolescência perde seus pais. Sua vida de escritor inicia-se na escola quando funda vários jornais, escrevendo sob pseudônimo. Suas obras levantam questões políticas, assunto de sua preferência, uma vez que o mundo passava por várias transformações. Lobato mantinha a ansiedade de uma juventude e queria influenciar nessas mudanças.

Após concluir o curso de Bacharel em Direito em 1904, é nomeado promotor em Areias em 1907, cidade do interior paulista que na época estava praticamente abandonada. No ano seguinte, casou-se com Maria Pureza da Natividade com quem teve quatro filhos.

Entediado com a vida da cidade pequena procurava novos caminhos, entre esses escreveu prefácios e fez traduções para jornais e revistas.

Seu avô morreu em 1911. Por esse motivo Lobato tornou-se herdeiro da Fazenda São José do Buquira, propriedade que tinha dois mil alqueires. Com isso Lobato passa de promotor a fazendeiro. Tenta modernizar as técnicas de produção na fazenda, no entanto, as dificuldades financeiras aliadas à geada e ao solo exaurido, levam-no a vendê-la e transferir-se para São Paulo.

Neste período, escreveu um artigo chamado *Velha praga* que falava das dificuldades de ser agricultor no Brasil e das queimadas. Logo depois publicou outro

artigo chamado *Urupês*, que também retratava as queimadas. É também nessa época que lança seu primeiro personagem: Jeca Tatu que viria tornar o símbolo nacional das queimadas. Com esse personagem, o escritor denunciava as más condições de vida de boa parte da população brasileira.

Ao voltar para São Paulo compra a Revista do Brasil e começa a editar seus livros para adultos. Em 1918, publica os livros *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* e *Urupês*. É dessa fase que Lobato retira elementos importantes para suas obras. Critica num artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, a exposição da pintora Anita Malfatti, por seu estilo diferente de entender a arte..

Na verdade Lobato criticava Malfatti, porque mesmo sendo pintor não estava preparado para aceitar as novas tendências nesse campo artístico. Era a ambivalência do moderno e antimoderno dividindo o pensamento e a arte do escritor e pintor. Funda a primeira editora nacional "Monteiro Lobato e Cia" que abriu falência em 1925. Abre uma nova editora que levou o nome de Companhia Editora Nacional, cuja sociedade era dividida com Otales Marcondez Ferreira.

Em 1920, lança o seu primeiro livro infantil chamado *A menina do nariz arrebitado*, com desenhos e capa de Voltolino, conseguindo que este fosse adotado pelas escolas de São Paulo. Teve uma edição recorde de cinqüenta mil exemplares graças a sua engenhosidade em promover seus livros por consignação aos diferentes setores do comércio e a sua forma de convencer os comerciantes que vender livro era um bom negócio, principalmente quando não teria que dispor de capital para comprá-los e submetê-los à venda. Nesse livro o autor cria o mundo encantado do Sítio do Picapau

Amarelo no qual moram avós e crianças, o Marquês de Rabicó, que é um porquinho esfaimado, uma boneca de pano muito das espevitadas, que é Emília e o Visconde de Sabugosa, que é um sabugo de milho dos mais sábios.

Depois da falência da editora, Lobato foi morar no Rio de Janeiro, que era então a capital do país. Escreveu para os jornais cariocas *O Jornal* e *A Manhã*. Mais tarde publicou um livro com o título Mr. Slang e o Brasil, cujo personagem discutia e criticava ironicamente os problemas do país como: a inflação, a política, a corrupção, a burocracia, a educação e a pobreza. Lobato via esses elementos como obstáculos para o desenvolvimento e progresso do país.

Washington Luís, então presidente do país, convidou Lobato para ser adido comercial junto ao consulado brasileiro em New York. Lobato era fascinado pela ritmo acelerado de desenvolvimento dos Estados Unidos, achava que o Brasil deveria seguir os passos dos americanos e não dos franceses. Acreditava que a redenção e a independência do Brasil estavam na exploração do ferro, do petróleo e da indústria. Neste período perdeu todo seu dinheiro no *crash* da bolsa de New York.

As conseqüências da crise de 1929, acabaram provocando a Revolução de 1930, que marcou o fim da República café-com-leite e a chegada de Getúlio Vargas, que tinha uma visão mais moderna para o país, mas que não se igualava a do escritor.

Ao voltar dos Estados Unidos em 1931, Lobato veio obcecado por mostrar que o Brasil só iria deslanchar se explorasse o ferro. Fez inúmeros relatórios, conferências, palestras, mostrando como produzir ferro de forma mais barata. Não encontrou apoio de ninguém. Então, voltou-se para o petróleo e também não encontrou apoio em nenhum

setor da sociedade, porque havia interesse do governo em dizer que no Brasil não havia petróleo. Nesse sentido, podemos dizer que Lobato era um grande empreendedor no Brasil, algo comparável ao Barão de Mauá, que também foi impedido de realizar grandes feitos por conta da visão estreita dos governantes de seu tempo.

Ao perceber que o governo não queria explorar o petróleo, Lobato parte para uma campanha particular, pedindo que o povo comprasse ações da Companhia Petróleo do Brasil. Desse forma teria capital para iniciar as explorações. Depois de muitas pesquisas, acabaram achando petróleo numa cidade da Bahia chamada Lobato. Dois anos antes, em 1937, Lobato, tinha escrito o livro *O poço do Visconde*, no qual ele explicava às crianças tudo sobre o petróleo. Para o público adulto ele já tinha escrito o livro *O escândalo do petróleo* que falava sobre o Conselho Nacional do Petróleo que foi criado para acabar com as companhias e forçar os jornais a não comentar nada sobre o assunto. Na verdade o governo brasileiro não queria arrumar encrenca com os Estados Unidos, uma vez que este vendia petróleo para o Brasil.

O sonho de Lobato em explorar petróleo não vai muito longe, em 1936 a Companhia de Petróleo Nacional sofre uma intervenção federal e é interditada. Desesperado Lobato escreve um carta ao então presidente Getúlio Vargas pedindo-lhe que apoiasse a Campanha do Petróleo. O presidente resolveu convidá-lo para trabalhar no governo, mas Lobato recusou o convite. Em decorrência destes fatos e também de uma de suas cartas que o ditador julgou ofensiva, foi preso em março de 1941.

Durante o período em que esteve preso descobriu que seus algozes torturavam os presos e que alguns deles chegaram a morrer. Esse fato foi denunciado por ele através

das cartas que escrevia a todos os seus amigos. Nessa época também escreveu e traduziu muitos livros. Quando saiu da prisão, desistiu de pensar em petróleo, pois soube que tinha vendido mais de um milhão de livros aqui e em toda a América Latina.

Fundou em 1944, a Livraria Editora Brasiliense, tendo como sócios Caio Prado Júnior e Artur Neves, no ano seguinte publicou Obras Completas. Antes porém, reviu todas as provas dos trinta volumes, uma vez que sempre achava alguma coisa para mudar. Esse fato mostra o quanto o espírito de Lobato era irrequieto e inovador, nada estava pronto, tudo podia ser questionado, recriado e redimensionado. Entendia que tudo no mundo pode e deve passar por constantes mudanças e transformações como forma de renovação. Creio que esta é uma condição imprescindível no crescimento do ser humano.

Seus livros infantis receberam diversas críticas, uma vez que eles se opunham às idéias do governo e parte da sociedade. Lobato foi o primeiro escritor a escrever para crianças sem a intenção de persuadi-las. Este fato provocou pavor nos adultos e algumas escolas de cunho religioso mandaram retirar os livros do escritor de suas bibliotecas. A título de esclarecimento, em 1942, no Rio de Janeiro, antiga capital do país, Lobato chegou a ter seus livros queimados.

Na madrugada do dia 04 de julho de 1948, Monteiro Lobato morre em virtude de um derrame. Após sua morte, o Sítio do Picapau Amarelo transformou-se em programa de televisão. A primeira vez foi em 1952, na TV Tupi e a segunda foi pela TV Globo. Também criaram uma revista em quadrinhos com os personagens do Sítio, além de outros produtos como discos, etc.

Monteiro Lobato deixou uma vasta produção literária. Na área da Literatura Infantil, engloba obras originais, adaptações e traduções. Dentre os originais estão: *A Menina do Nariz Arrebitado, O Saci, Fábulas do Marquês de Rabicó, Aventuras do Príncipe, Noivado de Narizinho, O Pó de Pirlimpimpim, Reinações de Narizinho, As Caçadas de Pedrinho, Emília no País da Gramática, Memórias da Emília, O Poço do Visconde, A Chave do Tamanho.*

Nas adaptações, Lobato preocupou-se em mostrar às crianças e aos jovens o conhecimento da tradição e do acervo herdado, bem como através delas criticar, questionar, redescobrir e renovar o que já está feito. Merecem destaque*: D. Quixote das Crianças, O Minotauro e Os Doze Trabalhos de Hércules*, que versa sobre a mitologia grega.

Foram numerosas as obras traduzidas por Monteiro Lobato. Entre elas*: Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol, O Lobo e o Mar de Jack London, Pollyana e Pollyana Moça de Eleanor Porter*, Novos contos de Andersen e contos de Fadas de Perrault.

Monteiro Lobato legou à humanidade o que tinha de melhor, ou seja, sua irreverência, suas histórias emocionantes, seus personagens imprevisíveis, sua mistura do real com o maravilhoso, sua busca ilimitada pela liberdade sem fronteiras.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PERSONAGENS DE LOBATO

Acho a criatura humana muito mais interessante no período infantil do que depois de idiotamente tornar-se adulta.

(Entrevista a Celestino Silveira, anos 40)

Monteiro Lobato resolveu dedicar-se á literatura infantil após desiludir-se com os adultos que além de perseguirem-no também o acusavam injustamente por não compreenderem seus ideais de liberdade e progresso. Essa desilusão se concretizou após o seu retorno como adido comercial nos Estados Unidos. A idéia de escrever a primeira história infantil nasceu durante uma partida de xadrez, que era sua grande paixão. Desde a sua juventude Lobato apreciava o xadrez, mas era uma criatura muito distraída e não conseguia permanecer atento por muito tempo. Dessa forma perdia as jogadas do adversário e protestava contra seus próprios lances como se o parceiro do jogo houvesse roubado.

Os jogos de xadrez aconteciam na redação da *Revista do Brasil* que mais parecia um clube no final do expediente. Um de seus amigos, apareceu numa dessas tardes a redação da Revista e foi convidado a participar de uma partida. Durante a partida, contou uma história incrível sobre um peixinho, que tendo dado um passeio fora do rio, ao retornar morreu afogado, porque não sabia mais nadar. Lobato, segundo Sandroni (1998) *adorou essa história – disse que o peixinho começou a nadar na sua imaginação.* (p.63)

Mal o amigo se despediu e saiu da redação, Lobato correu para sua mesa de trabalho e começou a escrever um conto que recebeu o título de *A história do peixinho que morreu afogado*. O futuro cenário do Sítio do Pica Pau Amarelo estava se delineando na imaginação do escritor. As reminiscências da infância, então afloraram de forma vigorosa. Lembrou-se da roça, da pesca de lambaris no ribeirão com a mulata Joaquina, da floresta, das brincadeiras com as irmãs, das histórias contadas pelo agregado Evaristo e de outras tantas coisas que permaneciam latentes nas suas recordações infantis vividas na zona rural.

Na verdade, quando o amigo, contou a história do peixinho que morreu afogado, ele impulsionou Lobato para uma vocação que permanecia em estado latente. A ingenuidade e pureza da história impressionou o escritor, que então escreveu-a para as crianças. Esse fato deu origem à primeira aventura do Sítio, que conta que estando Narizinho a descansar à beira do ribeirão, entra no Reino das Águas Claras e conhece o Príncipe Escamado. Tempos depois, escreveu *A menina do narizinho arrebitado*, livro que recebeu um acabamento primoroso para a época, tendo sido ilustrado por Voltolino e que segundo a opinião de Menotti Del Picchia, era um *belo presente de Natal de 1920*

para esses milhões de serezinhos que ainda acreditam em sortilégios e fadas ...[1]. As críticas favoráveis apareceram em diversos artigos publicados nos jornais da época. Valendo-se desse fato, Lobato, escrevia ao seu amigo Rangel: *Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.* [2].

Lobato, escrevia e reescrevia suas obras de tempo em tempo, isso em decorrência do seu senso de modernidade. O livro, *A menina do narizinho arrebitado*, foi reescrito em 1925 e recebeu novo título, passando a chamar-se *Reinações de Narizinho*. No início Lobato dedicava seus livros às escolas, seus textos eram visivelmente didáticos. Depois transcenderam a intenção pedagógica e ganharam um caráter lúdico. O livro mencionado se constituiria, como anunciava na capa da edição de 1921, no *segundo livro de leitura para uso nas escolas primárias.*

Lobato distribuiu gratuitamente quinhentos exemplares para todos os grupos e escolas públicas de São Paulo, colocando em prática sua estratégia de colocar o livro ao alcance do consumidor. O resultado desta estratégia foi extremamente positivo, pois o governador de São Paulo, Washington Luís, ao visitar as escolas, em companhia de seu secretário do Interior, Alarico Silveira, percebeu que nas bibliotecas havia um livro que diferentemente dos outros tinha um aspecto gasto, de tanto ser usado. Era *A menina do narizinho arrebitado*, o livro que Lobato tinha anteriormente doado às escolas. O governador percebeu que as crianças gostavam daquele livro e resolveu adquirir novos

[1] Apud AZEVEDO, C. L. de. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. 2. ed. S.Paulo, 1998. p.158
[2] Idem, p.158

exemplares para todas as escolas do estado. Quando perguntaram para Lobato, quantos livros ele teria para vender, ele respondeu: *Temos Narizes a dar com pau. Posso fornecer cinco mil, dez mil, vinte mil, trinta mil...*[3]. O governo do Estado de São Paulo encomendou trinta mil exemplares que foram distribuídos a todos os grupos escolares. Este fato, efetivou a realização de um velho sonho de Lobato, confidenciado muito tempo antes, em 1916, ao seu amigo e confidente Godofredo Rangel que era

> *vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidade. Coisas para crianças... É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos.*[4]

Acreditando na importância da formação intelectual da criança, Lobato, cria um mundo mágico, no qual a fantasia, o maravilhoso e o real se misturam num perfeito equilíbrio. Nasce então, o Sítio do Pica Pau Amarelo que na verdade não existe apenas em livro. Ele existe na cidade de Monteiro Lobato, no Vale do Paraíba. Foi ali que o escritor passou toda a sua infância e voltou mais tarde, como fazendeiro. A cachoeira de águas límpidas que podia ser vistas da janela, foi a inspiração para que ele criasse o *Reino das Águas Claras*, que aparece no seu primeiro livro *Reinações de Narizinho,* dedicado às crianças.

A criação da minirepública do Sítio do Pica Pau Amarelo pode ser entendida como uma representação alegórica do Brasil, um lugar onde reinam a paz, a sabedoria e

---

[3] Apud SANDRONI, L. Minhas memórias de Lobato contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997. p. 67

[4] A Barca de Gleyre,II,p.104 in COELHO, N.N. Dicionário crítico da literatura Infantil e juvenil brasileira. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 1995. P.847

principalmente a liberdade. Tanto que ele referindo-se às personagens Emília e Tia Nastácia coloca:

> *- Emília e Tia Nastácia têm idéias muito sérias a respeito do Brasil. Ambas desejam que este ' gigante deitado em berço esplêndido' seja como o sítio de D. Benta, esse lugar onde todos vivem felizes, contentes uns com os outros, e onde há plena liberdade de pensamento. Querem que o país todo se torne um sítio de D. Benta __ lá não se prende nem um passarinho na gaiola. Todos são comunistas à sua moda, e estão realizando a Republica de Platão, com um rei-filósofo na pessoa de uma mulher: D. Benta.*
>
> (In: Prefácios e entrevistas)

A obra de Lobato mostra uma constante preocupação com o destino do país, era uma pessoa que combatia e lutava contra toda e qualquer injustiça. Vivendo, num país em que seus governantes relegavam a maioria da população ao mais profundo descaso, que beneficiavam empresas internacionais prejudicando os interesses nacionais, entre outras coisas, Lobato utilizava-se do seu universo infantil como uma válvula de escape e através dele, denunciava os problemas, apontava soluções, registrava sua indignação falando de tudo e de todos sem sofrer retaliações.

Para tanto ele criou figuras cativantes como Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Visconde e Emília que são as personagens fixas que participam ativamente de todas as histórias do escritor. Outras não menos cativantes como o Marquês de Rabicó, Dr. Caramujo, Burro Falante, Quindim, Vaca Mocha, Tio Barnabé, Saci, entre outros, participam ocasionalmente das histórias. Todos eles são fundamentais para a criação desse universo infantil, e na narrativa todos têm o mesmo grau de importância. A partir de agora iremos passar um olhar mais acurado sobre a formação de cada personagem.

Começaremos com a personagem de Dona Benta que foi inspirada na avó de um colega de Lobato que morava em Macaé, chamado Pedro de Castro. O nome completo da personagem é dona Benta Encerrabodes de Oliveira, tem mais ou menos 60 anos e é a proprietária do Sítio do Pica Pau Amarelo. O Sítio é um lugar muito bonito, tem uma casa antiga, muito ampla e fresca. Com ela moram Tia Nastácia, que é a pessoa que cuida da limpeza da casa e também da cozinha, além de sua neta Lúcia, que é mais conhecida como Narizinho. Pedrinho, outro neto de Dona Benta, em suas férias não troca o sítio por qualquer outro lugar. No sítio acontecem coisas inimagináveis, com aventuras incríveis. Até petróleo encontraram em suas terras e em virtude disso Dona Benta acabou ficando rica de uma hora para outra.

Dona Benta encarna a figura da avó ideal, divertida e calma. É uma *expert* em Geografia. Preocupa-se muito com a educação de seus netos, bem como com a ausência prolongada dos mesmos, quando estes saem para viver suas fantásticas aventuras pelo mundo afora. É uma pessoa compreensiva, inteligente, culta e realista com capacidade para aceitar o novo, o desconhecido e o inesperado. Com sua cultura erudita, fornece as informações que são apreendidas pelas crianças, e estas se utilizam das mesmas em suas diversas aventuras.

A personagem acima referida é uma exímia contadora de histórias, não há quem não queira participar dos serões domésticos. Numa tarde o correio entregou um livro chamado *Child's History of their Word,* de W. M. Dona Benta leu e resolveu contar a história do mundo às crianças porque estava certa de que iriam gostar e aproveitar bastante. Chamou a criançada e disse: - *De amanhã em diante, todas as noites, teremos*

a história do mundo, desde os seus comecinhos até o momento atual. Às sete em ponto, nesta sala, vejam lá, hein?. [5]

No dia seguinte, às sete horas em ponto, todos estavam reunidos na sala de jantar, menos Rabicó que não se importava de aprender nada e o rinoceronte que não cabia na sala.

Dona Benta conta as histórias numa linguagem simplificada e oralizada, o que torna o enredo mais compreensível às crianças do sítio e do país. Emília ratifica essa opinião quando escreve suas idéias sobre pessoas e coisas do sítio. Sobre Dona Benta coloca que – *O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. e como sabe coisas, a diaba! De tanto ler aqueles livros lá no quarto, ficou que até brincando bate o Visconde em ciência.* [6]

Dona Benta, cativa ainda mais seus ouvintes quando explica o significado das palavras difíceis, modifica situações e usa de mil artifícios para despertar o interesse da criançada. Usa ainda, a estratégia de criar um certo suspense, adiando a história, ou trechos dela que são mais interessantes, para o dia seguinte. Dessa forma o momento passa a ser esperado com ansiedade pelos ouvintes.

No sítio, a autoridade máxima é a de Dona Benta que é capaz de exercê-la com sabedoria e com muita democracia. Lobato em suas obras não menciona uma única vez a figura paterna das crianças e a mãe de Pedrinho tem apenas uma referência em sua

---

[5] MONTEIRO, L. História do mundo para crianças in: Obra Infantil Completa.12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. V. 4 p. 239

[6] MONTEIRO, L. Memórias da Emília in Obra Infantil Completa. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. V. 1. P.292.

primeira obra. Dona Benta, não é apenas espectadora das aventuras dos seus netos, na verdade, participa ativamente em muitas delas. Recebe sem nenhuma estranheza, desde os personagens do Reino das Águas Claras, até os personagens do País das Maravilhas. Reconhece que o mundo que as crianças vivem é muito mais interessante que o dos adultos. Dessa forma, com grande desenvoltura lidera aventuras como por exemplo em *A Geografia de Dona Benta.* Neste livro, Lobato aborda a questão separatista de São Paulo do resto do país, por intermédio da personagem de Dona Benta.

Tia Nastácia, é a imagem idealizada da etnia negra. É uma criatura boa e afetuosa, querida por todos do sítio. Cativa a todos com suas histórias recheadas de crendices e superstições populares. Vive fazendo o sinal da cruz e dizendo para tudo *Credo!*. Na verdade Tia Nastácia representa o povo que tem uma sabedoria intuitiva e experimentada através dos tempos. A confirmação vem através de Pedrinho ao colocar que - *Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela*[7].

Tia Nastácia é uma cozinheira muito habilidosa, já cozinhou até para São Jorge na Lua quando participou à contragosto da aventura *Viagem ao céu.* Além de cuidar da cozinha, cuida da limpeza da casa. Teve grande participação na criação de Narizinho. Lobato, já foi chamado de racista por ter criado Tia Nastácia negra e ignorante. No entanto, a figura do negro pertence a gênese do povo brasileiro e dele se originam as

[7] LOBATO, M. Reinações de Narizinho in Obra Infantil Completa. 12. ed. S. Paulo: Brasiliense, 1970. V.I p. 101

histórias que alimentam a imaginação e a fantasia de todas as gerações. No sítio, Tia Nastácia conta com o respeito e o carinho de todos.

Entretanto não podemos deixar de observar que ela tem seu espaço limitado à cozinha da casa grande, isso revela a sua posição sócio-cultural inferior em relação ao grupo em que vive, porque todos a vêem como somente como a doméstica da casa. Cabe lembrar ainda que Lobato, escreveu sobre o saci-pererê, influenciado pelas histórias populares que ouvia da boca das pretas velhas. Lobato, além de preocupar-se com as condições de marginalizado do caipira, denuncia também o infortúnio do negro que tornou-se outro marginalizado por causa da situação que enfrenta após a abolição. Seu livro *O Presidente Negro e o Choque de Raças*, conta a história de um negro que candidata-se à presidência dos Estados Unidos e obtém a vitória. Esta obra não foi muito bem aceita e acabou por lhe custar grandes desgostos, uma vez que naquele país a questão do racismo e preconceito era muito acentuada.

Diferente de Dona Benta que detém o saber da cultura erudita, quando Tia Nastácia se propõe a contar suas histórias folclóricas, muitas vezes as mesmas que Dona Benta conta, a platéia critica - a violentamente, em virtude de que a estrutura narrativa é precária e suas histórias se apresentam sempre adulteradas. Pedrinho reforça esse ponto quando coloca: *Esta história – ainda está mais boba que a outra. Tudo sem pé nem cabeça. Sabe o que parece? Parece uma história que era de um jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça.*[8]

[8] LOBATO, M. Reinações de Narizinho in Obra Infantil Completa. 12. ed. S. Paulo: Brasiliense, 1970. V.1 p. 108

Tia Nastácia é uma pessoa muito criativa, foi ela que deu vida a alguns personagens como: Emília, a boneca de pano recheada de macela, que é pura irreverência e rebeldia; Visconde da Sabugosa, que o sábio e o cientista do Sítio, um rato de biblioteca e João-faz-de-conta.

Pedrinho, é o neto querido de dona Benta, tem 10 anos, mora e estuda na cidade. O seu lugar preferido para passar as férias é o sítio da avó. Tanto que numa tarde ao voltar da escola comunica a Dona Tonica que as férias iriam começar dali uma semana, e ela então pergunta: - *E onde quer passar as férias deste ano, meu filho?* Ao que ele prontamente respondeu: - *Que pergunta mamãe! Pois onde mais, senão no sítio da vovó.*[9]

Pedrinho escreve sempre cartas a Narizinho, sua prima, planejando as aventuras que serão vividas durante suas férias. Gosta muito do café com bolinhos de frigideira preparados por Tia Nastácia. É um menino corajoso, curioso e com grande espírito aventureiro. Quando apareceu uma onça rondando o sítio, organizou uma caçada e trouxe a bicha morta. Em outra aventura, conseguiu pegar um Saci e teve a oportunidade de conhecer os mistérios da noite dentro da floresta.

Narizinho, cujo nome verdadeiro é Lúcia, é a neta predileta de Dona Benta e mora com ela na casa grande. Recebeu o apelido de Narizinho por causa do seu nariz arrebitado. Só fica inteiramente contente quando Pedrinho vem de férias e juntos participam de grandes aventuras. Em todas as obras de Lobato é descrita como uma menina inteligente, meiga e carinhosa. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo,

[9] LOBATO, M. O Saci in Obra Infantil Completa. 12. ed. S. Paulo: Brasiliense, 1970. V. 1 p. 199

gosta muito de pipocas e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos. É dessa forma que foi apresentada por Lobato no livro *Reinações de Narizinho.* É uma criança preocupada com os problemas sociais. Prova disso é que quando Dona Benta perguntou-lhe o que pretendia fazer com a parte do dinheiro que iria ganhar com a venda do petróleo, Narizinho respondeu-lhe sem hesitar: *Meu sonho e construir hospitais, escolas, bibliotecas, coisas de utilidade geral. Há tanta pobreza e desgraça na terra ...*[10]

Pedrinho e Narizinho, retratam as crianças de todos os tempos de todas as culturas, abertas a tudo, sedentas de vida e com os olhos voltados para o futuro. Na verdade são protótipos dos filhos das famílias da classe dominante – crianças brancas, saudáveis, alegres e sem problemas.

Visconde de Sabugosa é o cientista do sítio e foi criado pelas mãos de Tia Nastácia, a partir de um sabugo de milho. Conserva umas palhinhas no pescoço, usa cartola na cabeça e tem um sinal de coroa na testa. Por causa disso, recebeu o nome de Visconde de Sabugosa. Tem verdadeiro pavor de galinhas, por ter tomado umas bicadas nos botões de sua casaca. É considerado um verdadeiro sábio. Gosta muito de estudar e por causa disso quase morreu empanturrado de álgebra. Obedece servilmente aos mandos e desmandos da boneca Emília, que não respeita sua sabedoria e nobreza. É capaz de dar verdadeiras aulas de Geografia e Geologia para a turma do sítio. Ajudou a descobrir petróleo nas terras de Dona Benta. É uma criatura muito séria e formal, um verdadeiro acadêmico.

---

[10] LOBATO, M. O poço do visconde in Obra Infantil Completa. 12. ed. S. Paulo: Brasiliense, 1970. V.2 p 302.

Lobato se utiliza desse personagem para criticar o sábio que só acredita nos livros já escritos. Dá para perceber também que este personagem não é bem quisto pelo escritor como os demais o são. Por causa do seu excesso de sabedoria se mostra pedante, complicado, incapaz de lidar com os problemas cotidianos. Emília, é a mais instigante das personagens de Lobato. Por este motivo e por ser um dos objetos principais do nosso estudo merece um capítulo especial.

CAPÍTULO III

JECA TATU OU O BRASILEIRO ATROPELADO

> *O caboclo é o sombrio urupê de pau podre (...) Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive.*
>
> (Monteiro Lobato. In Urupês, 1.ª edição, 1918.)

Na grande maioria das vezes associamos à figura de Monteiro Lobato a Literatura Infantil. Na verdade Monteiro Lobato começou sua carreira de escritor, escrevendo para adultos. Participava ativamente da vida política e cultural brasileira escrevendo artigos para diversos jornais e revistas. Os artigos que o colocaram em evidência foram *Uma velha praga* e *Urupês.* Os dois artigos foram publicados no jornal O Estado de S. Paulo e falavam das queimadas e das dificuldades de ser agricultor num

país como o Brasil. Em *Urupês,* Lobato lança o personagem Jeca Tatu que acabou se tornando o símbolo nacional das queimadas.

O personagem Jeca Tatu foi gestado enquanto Lobato tentava realizar o sonho de ser fazendeiro. A Fazenda São José do Buquira foi legada a Lobato como herança de seu avô. Era uma propriedade de mais de dois mil alqueires, encravada na Serra da Mantiqueira e que tinha um relevo acidentado e o solo encontrava-se exaurido. A sede da fazenda era um casarão de oitenta portas e janelas que poderia muito bem dar abrigo a cinco famílias. Mesmo encontrando a Fazenda em condições pouco satisfatórias. Lobato se enche de energia e luta para tornar a propriedade lucrativa, através da implantação de novos métodos de criação e de produção agrícola. O ambiente estimulou suas duas paixões: a de escritor e depois a de fazendeiro. Foi um período muito produtivo: como literato, escreveu quase todos os contos do seu primeiro livro; como fazendeiro fazia grandes esforços para tornar a fazenda produtiva através de projetos ousados. Planejava fazer da Buquira um modelo para o município.

Enquanto construía chiqueirões, consertava máquinas de beneficiar café ou remodelava o ambiente, Lobato ia elaborando mil projetos. O ambiente estimulava de forma desenfreada sua imaginação que já antevia um obra literária que segundo ele seria algo *nuevo* para o país. Lobato pensava em escrever um livro sobre o caboclo da terra. Um livro que retratasse o caboclo tal qual era, sem deixar que a influência européia o contaminasse como acontecia com as obras da época. Numa carta ao amigo Rangel, Lobato comenta sobre a figura do caipira *um feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da terra, o caboclo considerado o mata-pau da terra, constritor*

parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio, inadaptável à civilização ...[11]. Aos poucos, a imaginação vai dando forma a sua criação.

Em 1914, com a deflagração da Primeira Guerra Mundial o Brasil começa a sofrer as conseqüências geradas pelo conflito. A economia passa por uma série de dificuldades uma vez que as exportações começam a diminuir. Lobato, já com três anos de experiência como fazendeiro, tudo acompanhava através dos jornais que assinava. A situação mundial era preocupante, a situação doméstica não era muito diferente. Lobato observou que suas terras estavam cansadas e já não produziam como deveriam apesar dos esforços e dos investimentos feitos. Observou também que eram os próprios caboclos, os homens da roça, é que cansavam e maltratavam a terra. Segundo Azevedo (1998), *na sua convivência diária com os caboclos espanta-se como desrespeitam a natureza que os alimenta, abriga e sustenta.(...) no quanto destroem a caça nativa, derrubam velhas árvores e reduzem a floresta a carvão.*(p.56)

Para Lobato o caboclo com seu atraso cultural e técnico, era o impedimento para que o proprietário obtivesse sucesso nas suas empreitadas. Revoltado com tal situação, escreve ao seu amigo Rangel:

> *Atualmente estou em luta contra quatro piolhos da terra desta ordem – 'agregados' aqui das terras. Persigo-os, quero ver se o estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstição por dentro.* [12]

---

[11] Apud AZEVEDO, C. L. de. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998. P.54

[12] Lobato apud AZEVEDO, C.L. de. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998. P. 56

Ao caboclo é atribuída, então todo o ônus do seu insucesso. As queimadas, as mortes dos animais por falta de manejo adequado, a baixa produtividade, enfim o começo da falência. Em razão das queimadas se prolongarem de agosto até final do mês de outubro, escreve um artigo que é publicado no jornal O Estado de S. Paulo, sob o título *Uma velha praga.* A matéria acaba sendo publicada com destaque e faz enorme sucesso pelo tom de indignação de que se reveste. Nele, aproveita para satirizar o ufanismo brasileiro. Segundo Azevedo (1998), Lobato *(...) aponta as queimadas, responsáveis pelo empobrecimento gradativo e esterilidade final do terreno, como um dos principais entraves ao desenvolvimento de um país que ainda professava sua vocação agrícola.*(p.56)

Lobato acreditava que o responsável por esta situação calamitosa era o caboclo, um ser fraco, molenga, doente, que só sabia colocar fogo nas matas, muito diferente daquele que é retratado pela literatura brasileira, cheia de ranço ufanista. Os autores da época retratam o homem do campo como um ser forte, valente, íntegro, desbravador, impetuoso, enaltecendo-o em todos os sentidos. O artigo serviu para abrir as portas do sucesso para Lobato, foi apoiado nas suas preocupações e acabou por receber uma série de convites para proferir conferências a respeito. Na verdade, Lobato ao escrever o artigo não estava apenas preocupado com sua situação de fazendeiro prejudicado. Lobato, segundo Azevedo (1998),

> *(...) também denunciava a incapacidade do governo e da grande propriedade agrícola em adotar uma postura mais moderna e economicamente conseqüente, ou seja, um desenvolvimento que não se fizesse à custa de deixar um rastro de áreas decaídas como acontecera com o próprio Vale do Paraíba.* (p. 57)

Nota-se nas atitudes de Lobato, muita revolta e uma séria preocupação com o destino do seu país. Nele se evidencia também uma preocupação ecológica que só vai aparecer muitos anos depois quando começam a surgir as primeiras conseqüências de uma desenvolvimento sem planejamento, sem sustentação. Na verdade, Lobato passou a vida a lutar pela preservação dos valores culturais e das riquezas naturais do país. Foi pioneiro na luta pela preservação da fauna e da flora. Pouco tempo depois, ele publica outro artigo, cujo título era *Urupês* que também tratava sobre as queimadas. Nele aparece pela primeira vez o personagem-símbolo que marcou sua obra e a literatura brasileira: Jeca Tatu.

Jeca Tatu foi assim batizado devido às lembranças de Lobato de sua mocidade, que giravam em torno de uma velhinha, cujo nome era Gertrudes, moradora de um rancho à beira da estrada da Fazenda Paraíso. Esta senhora tinha um neto, que apresentava as características do seu personagem-símbolo, ou seja, era feio, magro, arisco, desconfiado, etc. Num primeiro momento, escolheu 'peroba' para seu sobrenome. Como não soava bem e nem combinava com as características já ditas, resolve trocá-lo por Tatu, lembrando-se do animal que atacava suas roças de milho. Nesse segundo artigo, Lobato, que já tinha delineado o caboclo como uma criatura amorfa, sem vontade, feio, ridículo, amplia seus defeitos, acentuando a ignorância e a preguiça do habitante das zonas limítrofes do país quando coloca que:

> *Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas bras. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O plantio se faz com um palmo de rama fincada em qualquer chão. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. A mandioca é sem vergonha*[13]

[13] MONTEIRO, L. Urupês. 37. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 170

Completava seu pensamento dizendo que o Jeca Tatu era 'Sacerdote da Grande Lei do Menor Esforço', ou seja, ser que vive do que a natureza oferece, sem fazer esforço algum para alcançar qualquer objetivo. Nesse artigo, aproveita para denunciar o abismo que existe entre o homem da cidade e o homem do campo. As pessoas da cidade teimam em ter uma visão romântica da vida no campo, não vêem o atraso que impera no interior do país. Segundo Sandroni (1997), *ele mostra que o que existe ali não é a força nem a coragem do caboclo, apenas invenções dos autores, mas a miséria e a doença* (p.50). Lobato, luta contra a imagem estereotipada que os escritores da cidade fazem do homem da roça, que tivera início com José de Alencar ao projetar o silvícola brasileiro no período do romantismo como uma criatura bela, orgulhosa, altaneira, boa, sensível. Quando este tema chegou ao seu limite, os escritores começaram a escrever sobre os habitantes do interior utilizando-se da mesma visão fantasiosa. Ao fazerem literatura sem conhecer o caboclo e sua realidade, pecavam pelos equívocos, uma vez que falavam de uma coisa que não conheciam. Dessa forma, romantizavam a situação do caboclo, perpetuando uma visão equivocada do homem do campo. O indianismo romântico de José de Alencar foi enterrado após o nascimento do Jeca Tatu. É a contraposição dos heróis da literatura indigenista ao caboclo resistente e indiferente ao desenvolvimento do país. O escritor queria desfazer a imagem idealizada pelo romantismo e para tanto construiu uma outra, estigmatizando cruelmente sua criação.

Monteiro Lobato, no seu artigo traça um perfil deprimente e angustiante do Jeca Tatu. Resistente a mudanças, indiferente ao progresso e sempre de cócoras em frente ao seu rancho de pito de palha ou cachimbo de barro na boca, vendo o tempo e a vida

passar. Esta atitude, no decorrer do tempo torna-se uma marca registrada, podendo ser entendida como resignação e subserviência. Fala também de suas crendices, das superstições, da sua tristeza, do seu mutismo, de um ser sem nenhuma imaginação ou criatividade. Paulo Prado, coloca que numa *terra radiosa vive um povo triste*[14], se referindo a Jeca Tatu. Um verdadeiro contraste ante a exuberância da terra que habita.

Os dois artigos de Lobato, foram reproduzidos por outros jornais e tiveram grande repercussão em todo país. Provocaram uma verdadeira celeuma entre os brasileiros. Muitos, se sentindo ultrajados tentaram desmoralizar a criação de Lobato. Nascem versões redentoras do Jeca Tatu. Ildefonso Albano, cria Mané Chique-Chique. Rocha Pombo, cria Juca Leão. Personagens anti-Jecas que não vingaram por falta do carisma que o seu opositor já exercia sobre a massa popular.

O grande sucesso alcançado, mais uma vez abre as portas para inúmeras possibilidades de trabalho. Lobato, recebe convites para colaborar com jornais e revistas. Nessa época, a geada e as dificuldades levam-no a vender a Fazenda para se estabelecer em São Paulo, local onde começou a colaborar na Revista do Brasil. Segundo Sandroni (1997), *essa revista tinha uma preocupação nacionalista muito grande: queria mostrar o Brasil para os brasileiros.*(p.54)

Na época era uma publicação importante. Tratava de assuntos geralmente ligados à cultura e à política de um modo geral. *A Revista do Brasil,* tinha como preocupação valorizar as coisas do país, por isso dava ênfase à cultura nacional. Esta atitude era um jeito de quebrar o afrancesamento que imperava no Brasil.

---

[14] Apud AZEVEDO, C.L. de. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.p.60

No começo do século, quem ditava a moda era a França. Na época era chique falar francês, ler os livros escritos em francês, pintar feito os franceses, se vestir como os franceses, apesar do calor sufocante. Sandroni (1997) lembra que Lobato se deu muito bem na Revista do Brasil, uma vez que *seus contos e artigos valorizavam a linguagem e a cultura brasileira* (p.55). O trabalho na Revista do Brasil e conseqüente publicação de seus artigos e contos, tornaram Lobato ainda mais conhecido. Nessa época foi convidado para ser o editor da publicação. Recusou o convite e comprou a revista.

Pouco tempo depois, em 1918, Lobato lança seu primeiro livro, Urupês, embora a primeira edição não carregasse sua assinatura. A publicação foi muito bem recebida pelo público, fazendo enorme sucesso. O livro, num primeiro momento, ia se chamar *12 histórias trágicas*, uma vez que reunia contos que retratavam cruamente a realidade vivida pelo caboclo e sua trágica experiência como fazendeiro no Vale do Paraíba, realidade esta, permeada por mortes, traições e miséria. O referido livro foi escrito sob a égide da escola naturalista. Cedendo à sugestão de um amigo, muda o nome do livro para Urupês (parasita que nasce no tronco da árvore e suas raízes sugam toda a seiva da planta, até ela perecer), o mesmo título do artigo que falava das queimadas e lançava aquele que se tornaria o símbolo nacional, o Jeca Tatu.

Quando o livro *Urupês* encontrava-se na sua terceira edição, aconteceu um fato que faria aumentar ainda mais suas vendas. Rui Barbosa, conceituadíssimo intelectual e político na época, mencionou o livro de Lobato em um discurso que fez no Teatro Lírico, na cidade do Rio de Janeiro. Nele, Rui Barbosa, fala do personagem Jeca Tatu, o protótipo do camponês brasileiro, da miséria que campeia no interior do país, do abandono cruel a que ele é relegado pelo poder púbico. Esse episódio, contribuiu para

que as pessoas se propusessem conhecer o escritor Monteiro Lobato, comprar as suas publicações, discutir suas idéias. Segundo Sandroni (1997), no outro dia, a manchete dos jornais era: *Rui Barbosa cita o Jeca Tatu de Monteiro Lobato.* (p. 57) Jeca Tatu, através de Rui Barbosa, torna-se o símbolo do descuido dos governos para com o homem do campo.

Logo depois, é a vez da Biotônico Fontoura tornar o Jeca um pouco mais conhecido. A imagem do caboclo magro, anêmico, cheio de doenças e com pouca vontade de viver, ajudou o laboratório farmacêutico a vender milhões de vidros do fortificante que levava o mesmo nome do laboratório. Quem não se lembra do Almanaque Fontoura, que trazia a história do Jeca Tatu?

Em 1914, logo depois da publicação do livro, Lobato entra em contato pela primeira vez com o relatório Saneamento do Brasil, escrito pelo sanitarista Belisário Pena. Neste documento, Belisário Pena, estabelecia as causas e as conseqüências entre as péssimas condições de higiene e a fraqueza que rondava os homens do campo. Falava especialmente daquela que era considerada a maior peste entre os trabalhadores rurais: o amarelão.

Este documento, produziu enorme efeito em Lobato levando-o a repensar suas idéias a respeito do trabalhador rural. Como conseqüência, começou a participar das campanhas sanitaristas desencadeadas por Belisário Pena e Artur Neiva. Sua participação nesse processo, foi a oportunidade para rever as teorias sobre o homem do campo e reparar a imagem do Jeca Tatu, o camponês, a quem se refere nos seus dois artigos como *vagabundos* e *preguiçosos*. A realidade apresentada pelos dois sanitaristas,

mostraram a Lobato, que o atraso do caboclo não era uma questão de inferioridade étnica, como supunha Le Bon, defensor da corrente do determinismo, que acreditava que uma raça pode ser superior a outras. Na realidade, o culpado era o subdesenvolvimento que gerava a fome, a miséria, a doença e que tornava o caboclo um ser imprestável para qualquer atividade.

Num ato de grandeza, o autor afirma: *está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não.*[15] Dessa forma, retira as acusações que a ele havia atribuído e liberta a personagem para a campanha nacional contra o amarelão. De acusador passa a defensor daquele que exprobrou. Segundo Azevedo (1998), *ao verificar que o homem é produto de seu meio – e não ao contrário – Lobato pede perdão ao Jeca, dizendo tê-lo ignorado doente*. (p. 112)

Nesta época, Matias Arrudão, nome fictício do jornalista e juiz Dácio Aranha de Arruda de Campos, publica dois artigos entre os anos de 44 e 45, tendo como base a correspondência trocada entre Lobato e Godofredo Rangel, publicada na época sob o título de *A Barca de Gleyre*. Arrudão. Conforme vemos no trecho*: coloca sobre o nariz do leitor os óculos que faltaram a Lobato durante a gestação do caipira que colaborou para 'cristalizar' a imagem do trabalhador rural como homem moral e fisicamente fraco*"[16]. Arrudão, ainda em um de seus artigos, afirma que *Lobato olhara a desgraça, mas não vira o desgraçado, vítima da miséria e da exploração brasileiras*[17].

---

[15] AZEVEDO, M. L. de. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998. p.112

[16] Jornal da Tarde, 1998, p. 2 – Jadyr Pavão Jr.

[17] Idem, p 2

Na verdade, a criação do Jeca Tatu serviu apenas para que Lobato extravasse seu ressentimento contra o trabalhador rural. O jornalista Matias Arrudão entre 44/45 provoca em um dos seus artigos o Lobato de 1914 quando escreve: *se o Jeca é o piolho-da-terra, que será o fazendeiro, que tão naturalmente se instala sobre seu lombo miserável?*[18] Lobato, na época, além da análise superficial sobre a realidade do homem do campo, também foi extremamente unilateral quando trancou o seu personagem num mutismo total.

Pouco depois da morte de Lobato, mais precisamente em 11 de julho de 1948, foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo, uma carta de Lobato, ao jornalista Matias Arrudão, escrita em 1945. Esta carta era uma resposta aos dois artigos escritos pelo jornalista, segundo Pavão Júnior *é um acerto de contas do velho Lobato de 1945, então com 63 anos – fazendeiro, editor e empresário falido, ex-prisioneiro do vaguismo e escritor reconhecido - ao Lobato de 32 anos, fazendeiro rancoroso, que, em 1914, concebera o Jeca Tatu de corpo e alma combalidos*[19]. A carta fala ainda do esforço que Lobato está fazendo para reparar o mal que causou a todos os jecas do Brasil, quando os chamou de *vagabundos* e *preguiçosos*. Na verdade, Lobato era muito pouco condescendente consigo próprio.

Lobato, ao reconhecer seu erro, reage escrevendo uma série de artigos no jornal o Estado de S. Paulo, nos quais denuncia a doença do homem do campo e a utilização parasitária do produto de seu trabalho pelos demais que viviam na cidade.

---

[18] Jornal da Tarde, 1998, p.2 – Jadyr Pavão Jr.
[19] Idem, p 2

A ação de Oswaldo Cruz contra os vinte milhões de opilados, três milhões de papudos e idiotas, os doze milhões de impaludados, os diagnósticos da época, são alguns dos muitos artigos publicados que denunciavam o atraso do trabalhador rural, denunciava também as doenças como a lepra, a malária, a sífilis, a tuberculose que dizimavam a população.

Muitos achavam que Lobato por ser escritor estava exagerando, inventando coisas com a finalidade de difamar o país. Na realidade, o escritor apontava os problemas e pedia soluções. Segundo Azevedo (1998) *pioneiramente – e sem medo das críticas dos ufanistas de plantão – ele (Lobato) desce os olhos em direção à grande massa do povo e busca, no seu seio, as causas do atraso, para então propor o remédio e a cura ...(*p. 114)

Em um outro artigo chamado *Um fato*, publicado nesta mesma época, Lobato relata como um grupo de religiosos vindos da França resolve o problema da falta de braços para a lavoura, falta essa causada pela abolição dos escravos, que substituíram o negro pelo elemento nativo com êxito. O sucesso se deu em razão dos religiosos oferecerem ao trabalhador rural alimentação adequada e abundante, construção de casas higiênicas em lugares secos e o tratamento de suas doenças. Em tom diferente daquele mencionado em *Urupês*, Lobato alertava :

> *A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. Termina dizendo: o caipira não é assim. Está assim*[20]

[20] Apud AZEVEDO, M.L. de. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998. p.115

Este pensamento revela sua nova forma de conceber o homem do campo. Na verdade, Lobato acreditava no potencial da grande massa daqueles que eram marginalizados social e historicamente, tanto que se engajava nas lutas por mudança na sociedade brasileira, visando antes de tudo a justiça e o bem estar social.

CAPITULO IV

EMILIA PROTAGONISTA

"-- Sou a Independência ou Morte."
(In: Monteiro Lobato Memórias da Emília, p. 48)

Lobato, tanto exercendo seu papel de pai quanto o de editor preocupava-se com a pobreza dos livros que eram oferecidos à infância brasileira. Em 1916, numa carta escrita ao seu amigo e confidente Godofredo Rangel, publicada no livro A Barca de Gleyre, revela essa preocupação dizendo que andava com várias idéias, que gostaria de vestir à nacional as fábulas européias, inclusive mexendo nas moralidades e dedicando-as às crianças. Essa idéia só vai se concretizar em 1920, quando escreve *A menina do narizinho arrebitado.*

O livro *A menina do narizinho arrebitado*, adotado como livro escolar, fez enorme sucesso entre a criançada. É um livro diferente, parece um álbum de figuras e tem desenhos pitorescos. Foi escrito em uma linguagem simples, coloquial e bem humorada. Muito diferente daqueles livros importados da Europa que eram traduzidos para o português e que conservavam uma linguagem empolada, muitas vezes

ininteligível. Esse fato, incomodava muito a Lobato, tanto que ele revia constantemente suas obras para tirar delas a *literatice* com a finalidade de tornar as histórias mais fluídas e compreensíveis.

A principal característica das obras infantis lobatianas são as novas relações estabelecidas entre a figura do adulto e a da criança. Estas estão fundamentadas na afetuosidade existente entre as pessoas e na harmonia, é uma relação de equilíbrio na qual são preservadas o livre questionamento, a ludicidade, a criatividade e a imaginação, coisa comum e estimulada no Sítio do Picapau Amarelo.

As crianças podem ainda hoje, encontrar no Sítio do Picapau Amarelo e na companhia de seus habitantes, um lugar ideal para viver, divertir, sonhar, criar, uma vez que o ambiente é propício para isso. Lá não existe limites para a imaginação, não existe fronteiras para serem rompidas, tudo é possível porque a escolha é individual, sem no entanto esquecer-se do outro.

Nesse lugar incomum, vivem personagens que pertencem simultaneamente ao mundo real e ao mundo da fantasia. Dona Benta que é a dona do sítio, Narizinho e Pedrinho que são seus netos, Tia Nastácia, é a cozinheira, Emília, a boneca de pano, Marquês de Rabicó, é um leitão de apetite voraz, e o Visconde de Sabugosa, é um sabugo de milho muito sábio.

Lobato ao escrever para crianças conseguiu fundir situações da vida real com situações do mundo da fantasia, o que é peculiar na literatura tradicional. Essa fórmula inédita deu a Lobato o sucesso e tornou-o o marco divisório entre a literatura de ontem e de hoje. Diferente dos clássicos que é imprescindível a presença de reis, rainhas,

príncipes, princesas, um reino maravilhoso perdido no tempo e no espaço. O autor fixa as aventuras que escreve na vida familiar, no dia-a-dia das crianças e estas se desenvolvem de acordo com a fantasia e o imaginário de cada um.

Através disso, o escritor, pôde mostrar que os limites entre o real e a fantasia são muito tênues e que todo ser humano, independente de sua idade pode ultrapassá-la, dependendo para isso de colocar a seu serviço a própria imaginação criadora. Numa de suas cartas a Rangel, datada de S. Paulo, 1/2/1943, Lobato relata o seguinte:

> *Mas o curioso é que o sítio do Picapau Amarelo já passou a remédio de gente adulta. Há dias recebi do rio Grande, duma senhora mãe de filhos, uma carta em que diz: ' No meu desespero diante de tanta coisa que sucede a uma família grande e de poucos recursos, quando não vejo caminho e o desespero chega ao limite, sabe o que faço? Corro ao sítio de dona Benta. Fecho-me lá por uma hora ou duas – e saro! Meus desesperos adormecem. Chego a rir-me das asneirinhas da Emília. A razão desta carta é esta: agradecer ao senhor o verdadeiro consolo que seus livros me têm proporcionado. Li-os em menina para me divertir, e agora, depois de velha, uso deles como remédio.*[21]

Lobato conseguiu esse feito no transcorrer do tempo, foi uma evolução lenta e gradual. Para isso ele escreveu e rescreveu suas obras mexendo em cada nova versão no real e no mágico, até que os limites entre um e o outro deixassem de existir.

A introdução do humor é um dos traços mais marcantes na literatura de Lobato. As histórias ganharam um tom mais irreverente, mais gracioso, muitas vezes irônico. Isso difere das obras anteriores que pecavam pelo excesso de seriedade, de exemplos

[21] LAJOLO, M. Monteiro Lobato: a modernidade do contra. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.3

moralizantes, sempre com um caráter educativo. Na verdade Lobato, deu leveza às histórias infantis, fazendo com que as crianças se sintam à vontade ao lê-las.

O escritor nunca ficava satisfeito com o que escrevia, ora cortava, ora acrescentava coisas nos textos. Basta verificar, por exemplo a diferença que existe entre a primeira versão e a versão definitiva do livro Reinações de Narizinho. Isso também aconteceu com determinados personagens. Emília, a boneca de pano, a personagem mais famosa do universo lobatiano, também evoluiu dentro do universo do Sítio do Picapau Amarelo. Emília nasceu como uma simples boneca de pano, feita por Tia Anastácia. É muito feia, com seus olhos de retrós preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Aparece no livro *A menina do narizinho arrebitado*, inicialmente como uma boneca de pano comum, sem vida própria e muda, sem nenhuma participação na trama dos acontecimentos.

Nesta primeira aventura chega até a ser esquecida por Narizinho quando esta chega ao Reino das Águas Claras. Num momento de extremo perigo, adquire vida subitamente e parte na defesa de Narizinho e do Príncipe Escamado, armada de um espeto para furar os olhos do Escorpião Negro que os ameaçava. Na Segunda Parte do livro *A menina do narizinho arrebitado*, Emília aparece falando e esse fato não causa nenhuma estranheza a sua dona. Entretanto, na versão definitiva Lobato narra de que forma a boneca começou a falar. Emília, tomou uma pílula do Doutor Caramujo e começou a falar. A primeira coisa que falou foi: *estou com um horrível gosto de sapo na boca! E falou, falou, falou, mais de hora sem parar*[22]

[22] LOBATO, M. Reinações de Narizinho in Obra Infantil Completa. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. V. 1 p. 22

Desse momento em diante, segundo Coelho (1995), (...) *se afirma a personalidade livre e voluntariosa de Emília, até que se transforma em verdadeiro alter-ego do autor: irreverente porta-voz de suas idéias libertárias e progressistas.* Coelho, acrescenta ainda que (...) *ela é a personagem-chave do universo lobatiano, pois é a única que vive em tensão dialética com os demais e também a única que sofre transformações em sua personalidade.* A autora supra citada, também diz que as demais personagens que habitam o Sítio do Picapau Amarelo, sejam elas do mundo real ou do maravilhoso, *são arquétipos*, ou seja, modelos, que servem de base para dar continuidade a trama dos acontecimentos e, em geral, servirem de contraponto a boneca.

Lobato tornou a boneca de pano o seu instrumento particular para através dela exercer o seu senso crítico, ironizar e cometer, mesmo que de forma imaginária as traquinices e brincadeiras que a sua idade e posição não permitiam, uma vez que vivia numa sociedade altamente repressora. Emília, pode ser considerada a válvula de escape do escritor, lugar que ele pode se refugiar, a figura que oferece ao mesmo a possibilidade de romper barreiras, ultrapassar os limites impostos, ela lhe proporciona a vitória permanente da liberdade, da criatividade, da alegria. É ela também que oferece ao mesmo a oportunidade de se libertar do mundo opressor dos adultos, dos mais velhos que passam a coibir as atitudes não convencionais.

Dessa forma, Emília passa a ser a protagonista das histórias por ele escritas, cabendo a ela imprimir o ritmo, a trama dos acontecimentos, bem como traçar os caminhos por onde que quer que os demais personagens andem. Esse fato evidencia que Lobato, seu criador, apesar das idéias altamente modernas e tendo um grande senso de democracia não conseguiu superar seu autoritarismo e sua arrogância, ranços herdados

de uma família de origem aristocrática e escravocrata. Emília, enquanto criação, transpira em todas as obras que protagoniza, ora os defeitos, ora as qualidades ou mesmo os conflitos de seu criador.

Na primeira obra infantil, *A menina do narizinho arrebitado*, Emília consegue superar Narizinho, a quem em princípio cabia o papel principal na trama. Isso se dá em virtude da boneca ter um universo diferenciado, alternativo, sem as fronteiras e os limites impostos pela condição de humana. A menina Narizinho, nasceu e cresceu tendo todas as convenções humanas a cerceá-la, moldá-la e a reprimi-la.

Emília, participa ativamente de todas as aventuras que ocorrem no Sítio do Pica Pau Amarelo e em sua grande maioria sua atuação é simplesmente fenomenal. Todas as obras decorrentes dessas aventuras são de peso e extremamente interessantes como objetos de estudo e referência. No entanto, seria humanamente impossível, analisar todas essas obras que chegam ao número de dezessete. Dessa forma, estaremos nos dedicando às obras que a ela foram dedicadas, em especial: Memórias da Emília, A Chave do Tamanho, Emília no País da Gramática e Aritmética da Emília.

Em Memórias da Emília, a boneca mais metida do planeta, resolve contar suas memórias, apesar do pouquíssimo tempo e experiência de vida que tem. Contestada pelo Visconde de Sabugosa sobre esses fatores que logicamente influenciariam a vida de qualquer humano que resolvesse escrever suas memórias neste idade, Emília, se defende dizendo que aquele que escreve sobre si mesmo tem um pé na enganação, na mentira. Diz que se a gente contar realmente o que aconteceu, as pessoas vão perceber

imediatamente que a vida da gente é igual a vida de todo mundo. Assim, sem graça, meio besta, rotineira, sem brilho.

Na verdade, Emília, perturba as normas vigentes impostas. Sua figura é o próprio sonho de plena liberdade. Ela é o instrumento perfeito para trazer à tona o espírito crítico, latente nas crianças, na maioria das vezes coibidos desde a tenra idade pelas normas e valores sociais.

Essa confirmação vem através do Visconde de Sabugosa ao perguntar para a boneca: - *Mas afinal de contas, Emília, que é que você é?* Emília respondeu tacitamente: - *Sou a Independência ou Morte.* [23] Essa é a mais corajosa e verdadeira das definições a respeito de si mesma. Para ela não existe meio termo.

A frase *Sou a Independência ou Morte*, acabou virando a marca registrada da atrevida boneca num tempo que o povo tinha os seus direitos desrespeitados. Lobato, encarna ao mesmo tempo o criador e a criatura, num tempo no qual vigorava a ditadura de Vargas. Monteiro Lobato não podendo se expor por receio às represálias, dá voz à criatura e através dela grita ao mundo e principalmente ao universo infantil o quanto a independência e a liberdade são importantes e fundamentais para a humanidade, porque sem elas, não há como fazer ou mudar a história dos excluídos.

Emília é uma líder nata, além de irreverente é debochada. Sempre encontra uma explicação lógica para as coisas absurdas que inventa. É uma criatura descarada. Quando quer afrontar quem quer que seja coloca a língua para fora, sem levar em conta com

[23] LOBATO, M. Memórias da Emília. 42. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P.94

quem está falando e a posição que a pessoa ocupa. Quando apronta uma de suas traquinagens, faz ar de santa. É capaz de prever os acontecimentos antes que todos os habitantes do sítio. Na maioria das vezes providencia para que as coisas aconteçam do jeito que imaginou que fosse ou do jeito que gostaria que acontecesse.

Sendo líder, uma de suas características mais fortes é o fato de ser mandona, autoritária. Uma das atitudes que evidencia seu autoritarismo é a de colocar as mãos na cintura como se fosse senhora de si e do mundo. Assim Lobato, muito gentilmente a chamava de *gentinha.* Quem mais sofre com suas atitudes arbitrárias é o Visconde de Sabugosa. Prova disso é que quando resolveu escrever suas memórias, chamou o sabugo e ordenou: - *Visconde – disse ela – venha ser meu secretário. Veja papel, pena e tinta. Vou começar as minhas memórias.* O sabugo científico retrucou que ela tinha muito pouco tempo de vida para escrever suas memórias ao que ela prontamente respondeu: - *Faça o que eu mando e não discuta. Veja papel, pena e tinta.*[24]

Uma outra característica, bastante insólita, está no fato de ter conceitos e critérios muito próprios a respeito de todas as coisas. Sobre a verdade diz que: - *Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.*[25] No livro A Chave do Tamanho, ao ter que contar para as crianças que seus pais foram comidos pelo gato da família, Emília se depara com o dilema de contar a verdade e causar um estrago irremediável ou contar uma mentira benéfica para apaziguar o coração da meninada e manter o controle da situação. Sendo assim pondera: - *Há a mentira para o bem, que é boa; e há a mentira para o mal, que é ruim. Logo, isso de mentira depende. Se é para o*

[24] LOBATO, M. Memórias da Emília. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 2
[25] Idem, p. 2

bem, viva a mentira! Se é para o mal, morra a mentira! E se a verdade é para o bem viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade![26]

Essas questões trazem à tona o quanto os valores universais como a verdade, a mentira, o bem, o mal, a exploração entre outros, são muito relativos. Para a Emília os limites entre um e outro são tênues e atendem sobretudo aos seus interesses. Na época, essas concepções e atitudes emilianas causaram enorme polêmica, uma vez que acharam-nas muito perigosas para a infância brasileira. Hoje já não causam tanto assombro, porque tanto os pais, quanto os educadores ou mesmo as crianças convivem diariamente com um mundo no qual os valores sejam quais forem se tornaram deveras relativos na realidade cotidiana. As concepções da Emília, atualmente, não passam de ingenuidades perante ao caos relativista em que vivemos.

Outras definições sobre os assuntos considerados difíceis até mesmo para os grandes filósofos são dados sem nenhum constrangimento ou dificuldade. Ainda em suas Memórias, Emília explica a vida baseada em sua filosofia simplista que a mesma é: - *A vida, Senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é começa a piscar. Quem pára de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme-e-acorda. Dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais. É portanto um pisca-pisca.*[27]

Também é capaz de mostrar uma personalidade dura, mas bastante lúcida quando fala a respeito do seu senso de humanidade e de seus sentimentos. - *Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho sim, um lindo coração – só que não é de banana.*

---

[26] LOBATO, M. Memórias da Emília. 42. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 11
[27] As Memórias de Emília p 11

Coisinhas à toa não o impressionam, mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal deste mundo é a injustiça.[28]

Ainda em Memórias da Emília, a personagem tenta explicar para o anjinho de asa quebrada as coisas da terra. Para isso procurou o significado das palavras. Mostra então, para o anjo e para o leitor, segundo Theodoro (2001), *os absurdos invisíveis desse mundo, absurdos que ninguém vê.* (p.8) Ao tentar explicar para o anjinho o significado da palavra *cabo*, Emília percorre um caminho muito diferente do convencional quando afirma:

> *- O que é cabo?, disse o anjo. - Faca tem cabo. Garfo tem cabo. Bule tem cabo (e bico também). Até os países têm cabo, como aquele famoso da Boa Esperança ou aquele Cabo Roque, da guerra de Canudos, um que morreu e viveu de novo. Os exércitos têm cabos. Tudo tem cabo até os telegramas.*[29]

Emília se utiliza de diversos exemplos, alguns corriqueiros, outros da história ou da geografia, para tentar explicar ao anjinho os vários significados que uma palavra tem numa mesma língua e seus variados usos. Na verdade é um jogo de palavras e Emília usa de toda a sua imaginação para explicar ao pobre ser que vive nas nuvens um pouco da complexidade de seu mundo. Emília, através de outro exemplo tenta explicar ao anjinho as contradições e incoerências do mundo dos homens definindo o desaforo, que segundo ela é:

> *– Fazer elogios a uma pessoa. Vou dar um exemplo. Temos um animal chamado cachorro ou cão, bicho de muitos bons sentimentos, o mais*

---

[28]Idem
[29]LOBATO, M. Memórias da Emília. 42. ed. Brasiliense, 1994. p. 58

> *amigo do homem. É tão delicado e amoroso, que o consideram o símbolo da fidelidade. É o cão que guarda os quintais contra os homens ladrões. É o cão que descobre a caça no mato. É o cão que conduz os trenós nas regiões só de gelo. É no cão que o homem faz experiências de laboratório. O cão é um colosso. Pois bem. Quando um homem compara outro homem ao cão, dizendo "tu és um cão", o outro puxa a faca. Desaforo é isso... (...) E vice –versa – continuou Emília. Há por aqui uns animais que são malvadíssimos, umas verdadeiras pestes.(...) Mas se um homem compara um outro a um tigre este sorri. Existiu na França um célebre Clemanceau (1841-1929) que foi apelidado de Tigre. Pensa que ele puxou a faca? Nada disso. Babava-se todo., quando o tratavam de tigre. Mas fosse alguém tratá-lo de cão ou vaca! ... Ah, vinha tiro na certa.*[30]

Lobato através de Emília faz com que o leitor reflita sobre a condição humana. Utiliza-se de um jogo de palavras para então criticar a hipocrisia da sociedade em que vivemos. Segundo Theodoro (2001), *Emília tem que explicar para o anjo o mundo em que ela vive e, ao explicar palavras, ela revela as ambigüidades da condição humana.*(p.11)

Uma outra história que fala das contradições e incoerências do mundo dos humanos da qual Emília também é a protagonista é *A Chave do Tamanho*. Neste livro Lobato levanta primeiro o aspecto político, uma vez que expressou suas posições em relação à segunda Guerra Mundial, à democracia americana e ao nazismo. Nesta obra tudo leva a crer que Lobato não mais acreditava na espécie humana e que seu inconsciente procurava através da Emília reformar a humanidade.

---

[30] LOBATO, M. Memórias da Emília. 42 ed. Brasiliense, 1994, p. 13 e 14

Lobato utiliza-se do desassombro da Emília em face das situações mais esquisitas para brincar de *deus*. O destino da humanidade em suas mãos. Uma das coisas mais assombrosas da narrativa é que em momento algum, apesar de saber a extensão da catástrofe que provocou Emília se arrepende ou tem remorso, tanto que ao ser interpelada pelo Visconde a respeito da condição dos soldados em guerra lá na Rússia em pleno inverno responde: - *Por que horrorizar-me? Eles não estavam se matando uns aos outros? Eu até lhes poupei o horrível trabalho da matança a tiros de canhão.* [31]

A impressão que deixa é que foi um mal absolutamente necessário. Se não fosse a catástrofe por ele provocada, seria a guerra a continuar matando milhares de pessoas pelo mundo a fora. Emília prima pela frieza e pela lógica. Nessa situação e em outras tantas que aparecem na narrativa, cabe então, ao Visconde de Sabugosa, chamá-la de volta à realidade, alertando-a de seus delírios de grandeza e de sua arrogância.

Emília preocupada com a tristeza de Dona Benta, resolveu acabar com a guerra. Para tanto, rouba uma pitada de superpó do Visconde de Sabugosa e parte para o fim do mundo em busca da Casa das Chaves. Quando encontra as chaves, estas são todas iguais, não tendo nenhuma identificação, o que causou a boneca um terrível dilema: - *Uma delas, portanto, é a chave que abre e fecha as guerras, mas qual? (...) Como saber qual a chave da guerra?*[32]

Sem alternativas Emília opta por usar do processo de experimentação e inadvertidamente reduz o tamanho dos seres humanos. Reduzidos, os humanos se

---

[31] LOBATO, M. a Chave do Tamanho in Obras Infantil Completa. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. V. 3 p. 297

[32] LOBATO, M. A Chave do Tamanho in Obra Infantil Completa. 12. ed. São Paulo: 1970, V.3 p. 263

defrontam com uma nova dimensão de sua própria existência. A nova ordem traz para os mesmos novas exigências e necessidades que exigem conseqüentemente novas soluções. A adaptação, bem como o uso mais acurado da inteligência são condições fundamentais para garantir a sobrevivência da espécie no planeta.

Emília tenta explicar essa tese à chorosa Dona Nonoca dizendo: - *Adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso, ou levamos a breca. Estamos em pleno mundo biológico, onde o que vale é a força ou a esperteza.*[33] Emília no seu afã de justificar uma situação anti-natural, esqueceu de levar em consideração que a mãe natureza não dá saltos. O sábio Visconde diz-lhe que a adaptação nos reinos vegetal e animal é decorrente de um processo lento e gradual que exige às vezes milhões de anos.

Quase ao final da aventura podemos perceber que Emília não é má e o que fez não foi de caso pensado. Na verdade, a humanidade foi reduzida no seu tamanho em virtude de um acidente. Nada foi premeditado. Emília apenas revoltava-se com a guerra e com as muitas crueldades cometidas pelos seres humanos. Pensando em acabar com a guerra, foi a Casa das Chaves, havia de ter uma chave da guerra. Como não sabia qual era foi experimentando. Virou a primeira e reduziu a humanidade no seu tamanho, o mesmo aconteceu com ela. Assim não teve condições de reverter a chave a seu lugar e muito menos experimentar outras.

Conhecendo verdadeiramente os fatos, o Visconde de Sabugosa, chegou à conclusão de que *Emília é filósofa e quando se põe a filosofar parece que tem coração*

[33] Idem, p. 277

duro mas não tem. Emília é filosoficamente boa[34]. Os acontecimentos levam-nos a acreditar que não havia na boneca intenção de destruir a humanidade mas de chamar os homens à realidade.

A obra em questão deixa transparecer que as pessoas mais velhas resistem e demoram a compreender ou aceitar as situações e condições novas na existência humana.As crianças agem exatamente ao contrário dos adultos. Querem conhecer e experimentar o novo. Isso pode ser confirmado quando resolveram fazer um plebiscito para voltar a humanidade ou não ao tamanho natural. Os adultos, preferiram que tudo voltasse a ser o que era antigamente, isso porque eram conservadores e tinham idéias emperradas na cabeça. Os adultos em questão eram: Dona Benta, Tia Nastácia e o Coronel Teodorico. As crianças: Narizinho, Pedrinho e Juquinha, que votaram pela permanência, uma vez que eram radicais, gostavam de mudanças e ainda não tinham as tais idéias emperradas.

Enquanto nas obras acima referenciadas, Emília tem o comando total do desenrolar dos acontecimentos e dá ao mesmo um ritmo acelerado, estratégia que usa para prender o leitor, nas outras duas obras *Emília no país da gramática* e *Aritmética da Emília* a narrativa por conta das mesmas serem altamente didáticas no ensino de noções básicas de gramática e matemática que tornam-se muito enfadonhas. Na primeira obra quem conduz a narrativa é o rinoceronte, na segunda é o Visconde, contudo não deixam de ter seus encantos.

---

[34] LOBATO, M. A Chave do Tamanho in Obra Infantil Completa. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970, V. 3 p. 318

Só para recordar, depois de cansar de ouvir os reclames de Pedrinho ao ser submetido por Dona Benta a recordar gramática, tem uma idéia sensacional: visitar o país da gramática. Parte para o referido país montada no rinoceronte Quindim e acompanhada por Narizinho, Pedrinho e o Visconde. Para explicar as muitas questões da gramática conta com o auxílio do rinoceronte Quindim. Narizinho durante a viagem se surpreende com a sabedoria do rinoceronte nas referidas questões e indaga a Emília sobre o assunto. A espertíssima boneca responde sem hesitar: - *Para mim – sugeriu Emília - Quindim comeu aquela gramaticorra que Dona Benta comprou. Lembre-se que a bichona desapareceu justamente no dia em que Quindim dormiu no pomar.*[35]

Neste livro, Lobato por meio de Emília faz críticas contundentes aos gramáticos á gramática histórica e aos filólogos. Uma das principais reclamações dos personagens é o fato de que as aulas de gramática na escola são muito cacetes, chatas. Dessa forma Emília mostra que é possível aprender gramática de forma criativa e reflexiva, bem como a evolução da língua no decorrer dos tempos,observando-se o contexto histórico.

Emília no país da Aritmética, na verdade deveria se chamar Visconde no país da Aritmética. Emília, como sempre se apossa das coisas e muitas vezes das idéias do pobre sabugo que se submete, uma vez que apesar de sábio, não consegue administrar sua vida e também se impor a boneca. Esta aventura acaba acontecendo em decorrência do Visconde se achar enciumado das idéias interessantes e criativas que a boneca tinha como a anterior de visitar o país da gramática. Emília também enciumada por não ter

[35] LOBATO, M. Emília no país da gramática in Obra Infantil Completa. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. V. 1 p. 304

tido mais essa brilhante idéia, provoca o sábio e também os demais personagens do sítio durante toda a narrativa.

Tanto nesta obra quanto na anterior a personagem que quebra a monotonia da narrativa didática é Emília. É ela que faz intervenções contundentes e na hora certa imprime humor durante as explicações maçantes, que põe e contrapõe a todos. Aos outros personagens cabe o lugar de atuarem como coadjuvantes, sem no entanto, perder o brilho e a importância. As asneiras que Emília diz durante as aulas, isso tem o objetivo de quebrar a seriedade do momento, as intervenções inteligentes são o contraponto necessário para o Visconde falar sobre pontos importantes da matemática. Tem idéias geniais para problemas de última hora. Ao precisarem de um quadro negro, para fazer uma soma de números grandes, viram que dele tinham se esquecido. Emília propôs que: *- Quindim pode muito bem virar quadro negro – disse ela. A casca dele é ótima para ser riscada com giz. Já fiz a experiência.*[36]

Emília tanto no passado quanto no presente, ainda dá conta de falar mil línguas. Através dela Monteiro Lobato, homem e cidadão, preocupado principalmente com as questões político-sociais de um país que andava emperrado por conta de atender principalmente aos interesses internacionais, se utiliza de sua criação para denunciar estas questões, bem como para propor as soluções. Os problemas denunciados pelo escritor, ainda hoje continuam atuais e muito mais agravados por causa da população estar mais numerosa. Emília ainda é capaz de fazer-nos refletir sobre o preconceito, o racismo, a miséria, a fome, o analfabetismo, a reforma agrária, a degradação do meio

[36] LOBATO, M. Aritmética da Emília in Obra Infantil Completa. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. V. 1 p. 262

ambiente, entre outras coisas. Emília mesmo na sua ambigüidade de boneca/gente pode ser considerada uma defensora das questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lobato tinha uma personalidade vigorosa, um espírito dominador e era por isso um líder nato. Ele apresenta-se como uma dos atores sociais mais empreendedor, que não se comunga com o egoísmo exacerbado de seu tempo. A impetuosidade da juventude de Lobato levou-o a uma visão, muitas vezes, unilateral de em relação ao social e econômico. Só muito mais tarde percebeu que o Jeca Tatu originou-se de seus conflitos interiores. Como não conseguiu superar as dificuldades sócio-econômicas da época. As intempéries da natureza e uma personalidade imediatista e orgulhosa, que fatalmente o levaram Lobato ao fracasso como empreendedor e empresário, mesmo que nesse fracasso tenha existido muita inovação. Mas, a vazão desses sentimentos contraditórios na vida do escritor acabou proporcionando a criação daquele que seria a vítima ideal: Jeca Tatu.

Ao seu personagem Jeca Tatu junta-se depois a boneca Emília. Esses dois personagens são os que mais se projetaram na obra Lobatiana. É com esses dois personagens que podemos encontrar características extremas e muito peculiar: enquanto Jeca Tatu tem uma vida permeada pelo silêncio, a boneca Emília, ao contrário, é uma *falastrona*. Estes fatores contraditórios e que nos remetem a uma compreensão do estar no mundo dos homens, nos levaram a elaboração deste trabalho.

Jeca Tatu é um retrato lamentável e estigmatizante do caboclo que habita as zonas interioranas do país. Ao desancar a figura do Jeca Tatu, na verdade Lobato queria

arranjar um culpado para o seu fracasso como fazendeiro. Na realidade o fracasso era duplo, uma vez que Lobato deixou de ser escritor para se tornar fazendeiro. Não conseguiu realizar nenhum dos dois sonhos. Na verdade o sonho de se tornar um poderoso senhor de terras não era propriamente dele, mas do avô que tinha vontade férrea e que até ao morrer comandou sua vida. Não podemos nos esquecer que Lobato viveu numa época que a relação social patriarcal era predominante.

Um outro ponto a considerar em relação ao personagem Jeca Tatu é que naquele tempo, as relações sociais eram marcadas por acentuada divisão de classe. As classes menos favorecidas não tinham e não conheciam seus direitos sequer os reivindicavam. Jeca Tatu, figura miserável em todos os aspectos, sejam eles material, moral ou espiritual, morando nos mais longínquos redutos do Brasil, não tinha condições de reivindicar nada, por isso o *silêncio*.

No contexto de miserabilidade, analfabetismo, doenças e inércia, em que os grandes latifundiários são os coronéis da política e transformam a grande massa rural em *gado*, o que será conhecido como *currais eleitorais*. Assim, Jeca Tatu permanece silenciado e inerte. Dessa forma, é um instrumentos dos grandes proprietários rurais ou coronéis na permanência do poder já instituído e renovado na época das eleições – Jeca Tatu é o representante do atraso do país. Os *Jecas Tatus* são todos aqueles que na sua miserabilidade são inertes e conformados com sua condição. Assim, rebaixados à condição de animais, não têm vez e voz, estão à mercê dos mandos e desmandos dos coronéis. A eles cabem apenas o mínimo para que subsistam sem morrer e não se rebelem contra o sistema já instituído.

Depois da efetivação das eleições, a população de *Jecas Tatus* caia de novo no esquecimento, uma vez que não tinha mais serventia aos coronéis. O governo central, sequer se lembrava que o trabalhador rural existia. A situação desse último era dramática: não tinha acesso à propriedade, era submetido aos desmandos, à violência e a injustiça dos coronéis, era vítima, ainda, do descaso e da insensibilidade das autoridades governamentais. Lobato tinha uma personalidade vigorosa, um espírito dominador e era muito mandão. Se por um lado, estes traços são positivos uma vez que fizeram de Lobato uma pessoa empreendedora, que buscava o sucesso, por outro é negativo, porque dá margem ao exercício de um egoísmo exacerbado, onde o homem é explorado sem piedade pelo próprio homem. A impetuosidade da juventude, levou-o a uma visão unilateral de uma questão social complexa. Só muito mais tarde percebeu que o Jeca Tatu originou-se de seus conflitos interiores. Como não conseguiu superar as dificuldades sócio-econômicas da época, as intempéries da natureza e uma personalidade imediatista e orgulhosa, que fatalmente o levaram ao fracasso, Lobato, deu vazão a estes sentimentos contraditórios criando aquele que seria a vítima ideal: Jeca Tatu. As eleições, como a democracia eram meramente formais.

Diante desse quadro social e político, Lobato percebe as injustiças cometidas em relação a maioria da população ignorante do país. Com isso busca jogar todo o seu ressentimento e frustração em cima do Jeca Tatu. Lobato percebe que os *Jecas Tatus* são produtos do descaso dos governos que lhes negam melhores condições de vida.

Esse quadro deplorável que revolta e que está refletido na obra lobatiana se mostra atualmente na grande massa planetária em que os Jecas Tatus são aos bilhões. Observamos inertes o crescimento assustador no planeta da distancia entre pobres e ricos

em virtude de capitalismo neoliberal e avassalador, cada dia mais excludente. As queimadas continuam a se alastrar a cada estação de inverno, apesar dos avanços na área da ciência e tecnologia. Isso tudo se dá em virtude da ignorância e irresponsabilidade do ser humano que não hesita em colocar em risco a sua própria sobrevivência.

Na década de 20, o país passa por profundas mudanças em todos os setores. O proletariado começa a se organizar e reivindicar melhores condições de vida. É neste contexto que nasce aquela que seria dentro do universo lobatiano, a personagem mais intrigante: Emília. Intrigante porque é uma criatura que faz com que percebamos a realidade a partir de um prisma multifacetado. Também porque amarra, enreda o leitor, seja ele criança ou adulto nas suas histórias. Intrigante ainda, pela dualidade que carrega enquanto boneca/gente.

Lobato, que se preocupava e lutava por um país mais justo, incorpora também a insatisfação do povo e dá vida àquela que a partir de então seria seu instrumento para falar em seu nome e em nome do povo. A situação torna-se mais crítica com a ditadura do governo Vargas, porque as opiniões divergentes eram duramente reprimidas. Lobato, torna-se alvo do ditador, principalmente por tentar fazer com que este dê a devida atenção à questão do petróleo no país.

Nesta época, Lobato apela para sua criatura, para mostrar que o país pode superar a derrocada econômica e social através da exploração do petróleo. Tanto o criador quanto a criatura são derrotados pelos interesses econômicos internacionais. O criador impossibilitado de falar ao país por causa do regime político instituído, faz com que sua criatura fale por ele. E esta então, torna-se sua porta voz, uma vez que não pode ser

penalizada. Fala, opina, critica, questiona, sugere, sobre todos os assuntos, sejam eles de ordem política, social, econômica ou cultural. Muitas vezes, a impressão que fica é que a criatura, em muitos aspectos conseguiu superar o seu criador.

Lobato morre e deixa a criatura personificada e eternizada através das gerações. Podemos afirmar, que atualmente a Emília de Monteiro Lobato continua dando sua contribuição seja através dos livros, programas de televisão ou revistas, uma vez que as antigas preocupações do escritor são muito atuais. No decorrer do tempo, e em várias partes do mundo, surgiram muitas *Emílias* como por exemplo Mahathma Gandhi, Nelson Mandela, Betinho, Madre Teresa de Calcutá, entre outros. Esses líderes que fizeram a diferença diante da opressão que seu povo ou o ser humano viviam e continuam vivendo, são exemplos a favor dos excluídos. Em síntese, os ideais defendidos por Monteiro Lobato e que se proliferaram em suas obras, continuam principalmente pela voz dissonante da boneca Emília na ansiedade por um mundo mais livre e justo.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH. Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices.* São Paulo: Scipione, 1997.

AZEVEDO, Carmem Lúcia et all. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia.* 2.ed. São Paulo: Editora Senac, 1998.392 p.

BOSSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. 528 p.

CADERMATORI, Lígia. *O que é literatura infantil.* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira:* séculos IX e XX. 4. ed. ver. ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 1339 p.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) *História social da infância no Brasil.* 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida.* São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, Monteiro. *Memórias de Emília.* 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Sítio do Picapau Amarelo)

LOBATO, Monteiro. *Obra infantil completa,.* 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970 v. 1,2,3 e 4.

LOBATO, Monteiro. *Urupês.* 37. Ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NICOLA, José de. *Língua, literatura e redação.* 9. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

REVISTA DO INSTUTO BRASILEIRO DE EDIÇÕES PEDAGÓGICAS. *Área de conhecimento: língua portuguesa*. Ano 1, N.° 02. Junho de 2001. Maria Luisa Abaurre. *As aulas de português da Emília*. Páginas 12, 13 e 14.

SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa.* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidades de Monteiro Lobato: uma revisão crítica.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 156 p.

hltp. www.lobato.com.br

http:/www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/cilza.html

- Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato – Cilza Carla Bignoto

http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaiosa/Picapau.htm

- Peter Pan, uma leitura inglesa no sítio do Picapau Amarelo – Adriana Silene Vieira

Jeca Tatuzinho

Lançado em 1924, Jeca Tatuzinho veio ensinar noções de higiene e saneamento às crianças, por meio do personagem-símbolo criado por Monteiro Lobato. Adaptado no ano seguinte e, ao que consta, oferecido a seu amigo Cândido Fontoura para promoção dos produtos do laboratório Fontoura Serpe & Cia, em especial do Biotônico, chegaria a 100 milhões de exemplares no centenário do escritor.

Considerada a peça publicitária de maior sucesso na história da propaganda brasileira, inspiraria, naquele ano de 1982, a criação do Prêmio Jeca Tatu. Instituído pela agência CBBA - Castelo Branco e Associados, representou uma homenagem "à obra-prima da comunicação persuasiva de caráter educativo, plenamente enquadrada na missão social agregada ao marketing e à propaganda".

O folheto do Biotônico Fontoura, cujo texto aqui reproduzimos, foi ilustrado em suas primeiras edições por Belmonte e, em seguida, por J. U. Campos.

I

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.
Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.
Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.
Todos que passavam por ali, murmuravam:
- Que grandessíssimo preguiçoso !

II



Jeca Tatu era tão fraco que, quando ia lenhar, vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.
- Por que não traz de uma vez um feixe grande? perguntaram-lhe um dia.
Jeca Tatu cortou a barbicha rala e respondeu:
- Não paga a pena.
Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa.
Só pagava a pena beber pinga.
- Por que você bebe, Jeca? diziam-lhe.
- Bebo para esquecer.
- Esquecer do que?
- Esquecer as desgraças da vida.
E os passantes murmuravam:
- Além de vadio, bêbado ...

III

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.
Jeca possuía ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarnento, mas bom companheiro e leal amigo.

Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois apesar dos ganidos do cachorro, Jeca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por que? Desânimo, preguiça...
As pessoas que viam aquilo, franziam o nariz.
- Que criatura imprestável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

IV

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente, cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.
Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro.
Por que Jeca não fazia o mesmo?
Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:
- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.
- Mas como é que seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?
- É que ele mata.
E por que você não faz o mesmo?
Jeca coçava a cabeça, cuspia por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:
- Quá! Não paga a pena ...
- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

V

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo.
- Amigo Jeca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase.
- Anci... o que?
- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.
- Essa tal maleita não é sezão?
- Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa.
A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente.
Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA.
Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você.

VI

O doutor receitou um vidro de ANKILOSTOMINA FONTOURA, para tomar assim: seis comprimidos hoje pela manhã e outros seis amanhã de manhã.
- Faça isto duas vezes, com o espaço de uma semana. E de cada vez tome também um purgante de sal amargo, se duas horas depois de ter ingerido a ANKILOSTOMINA não tiver evacuado. E trate de comprar um par de botinas e alguns vidros de BIOTÔNICO e nunca mais me ande descalço e nem beba pinga, ouviu?
-Ouvi, sim, senhor!
- Pois é isso, rematou o doutor, tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei aqui de volta.
- Até por lá, sêo doutor!
Jeca ficou cismando. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras.
Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal...

VII

Quando o doutor voltou, Jeca estava bem melhor, graças à ANKILOSTOMINA e ao BIOTÔNICO. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas:
- Veja, sêo Jeca, que bicharia tremenda



estava você a criar na barriga! São os
tais ancilóstomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne a dentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês.
Tomando a ANKILOSTOMINA, você bota fora todos os ancilóstomos que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Fazendo isso e fortalecendo-se com alguns vidros de BIOTÔNICO, ovos e leite, você fica livre da doença para sempre
Jeca abriu a boca, maravilhado.
- Os anjos digam amém, sêo doutor!

VIII

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era "positivo" e dos tais que "só vendo". O doutor resolveu abrir-lhe os olhos: Levou-o a um lugar úmido, atrás de casa, e disse:
- Tire a botina e ande um pouco por aí.
Jeca obedeceu.
- Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com essa lente.
Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.
- E não é que é mesmo? Quem "haverá" de dizer!...
- Pois á isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência.
- Nunca mais! Daqui por diante dona Ciência está dizendo, Jeca está jurando em cima! T'esconjuro! E pinga, então, nem para remédio...

IX

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A ANKILOSTOMINA curou-o do Amarelão. O BIOTÔNICO deixou-o bonito, corado, como um touro.
A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor. Era pã, pã, pã... horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair.
E Jeca, cheio de coragem, botou abaixo o capoeirão, para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano.
- Descanse um pouco, homem! Assim você arrebenta... diziam os passantes.
- Quero ganhar o tempo perdido, respondia ele sem largar do machado. Quero tirar a prosa do "italiano".

X

Jeca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.
- Onça! Exclamou ele. É onça e eu aqui sem uma faca!...
Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-lhe tamanho murro na cara que a bicha rolou no chão, tonta. Jeca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a.
- Conheceu, papuda? Você pensa que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei ANKILOSTOMINA e BIOTÔNICO e uso botina ringideira!...
A companheira da onça, ao ouvir essas palavras, não quis saber de histórias - azulou! Dizem que até hoje está correndo...

XI

Ele, que antigamente, quando lenhava, só trazia três pausinhos, carregava agora cada feixe que metia medo. E carregava-os sorrindo, como se o enorme peso não passasse de brincadeira.
- Amigo Jeca, você arrebenta! diziam-lhe. Onde se viu carregar tanto pau de uma vez?
- Já não sou aquele de dantes! Isto para mim agora é canja...respondia o caboclo sorrindo.
Quando teve de aumentar a casa, foi a mesma coisa. Derrubou no mato grossas perobas,

atorou-as, lavrou-as e trouxe no muque para o terreiro as toras todas. Sozinho!
- Quero mostrar a essa paulama quanto vale um homem que tomou ANKILOSTOMINA e BIOTÔNICO, que usa botina cantadeira e que não bebe nem um só martelinho de cachaça!
O italiano via aquilo e coçava a cabeça.
- Se eu não tropicar direito, este diabo me passa na frente. Per Bacco!

XII

Dava gosto ver suas roças. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra. O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza.
O italiano abria a boca, admirado, e confessava nunca ter visto roças assim.
E Jeca já não plantava rocinhas, como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.
E se alguém lhe perguntava:
- Mas para que tanta roça, homem? - ele respondia:
- É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui duas enormes fazendas - a Fazenda Ankilostomina e Fazenda Biotônico. E hei de ser até coronel...
E ninguém duvidava mais. O italiano dizia:
- E forma mesmo! E vira mesmo coronel! Per la Madonna!...

XIII

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo da transformação de seu doente.
Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.
Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos.
Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando, contentes como os passarinhos.
E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos animais caseiros!
Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora!
- Isso também é demais, sêo Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!
- Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles vêm aqui, vêem isso e não se esquecem mais da história.

XIV

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, fon-fon! fon-fon! ...
As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.
- Quero falar a língua dos bifes para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa.
O seu professor dizia:
- O Jeca só fala inglês agora. Não diz porco; é pig. Não diz galinha; é hen... Mas de álcool, nada. Antes quer ver o demônio, que um copinho da "branca"...

XV

Jeca só fumava charutos fabricados especialmente para ele, e só corria as roças montado em cavalos árabes de puro sangue.
- Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um "estranja" legítimo, até na fala.
Na "Fazenda Biotônico" havia de tudo. Campos de alfafa. Pomares belíssimos com quanta fruta há no mundo. Até criação do bicho-da-seda; Jeca formou um amoreiral que não tinha fim.
- Quero que tudo aqui ande na seda, mas seda fabricada em casa. Até os sacos aqui da fazenda tem que ser de seda, para moer os invejosos...
E ninguém duvidava de nada.
- O homem é mágico, diziam os vizinhos. Quando assenta de fazer uma coisa, faz mesmo, nem que seja um despropósito...

XVI

A "Fazenda Biotônico" tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão e um repuxo de milho atraía todo o galinhame!...
Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda ele dava ordens aos feitores, lá longe.
Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um aparelho de televisão.
- Quero aqui desta varanda ver tudo o que se passa em minha fazenda.
E tanto fez, que viu. Jeca instalou os aparelhos, e assim pôde, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio da televisão, o que os camaradas estavam fazendo.

XVII

Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários POSTOS DE MALEITOSAN, onde tratava os enfermos de sezões; e também POSTOS DE ANKILOSTOMINA, onde curava os doentes de amarelão e outras verminoses.
E quando algum empregado sentia alguma dor de cabeça, se estava resfriado, Jeca arrumava-lhe uns dois ou três comprimidos de Fontol, e imediatamente o homem estava bom, e pronto para o serviço.
O seu entusiasmo era enorme. "Hei de empregar tôda minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia. Meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia! Viva o Biotônico! Viva ANKILOSTOMINA! Viva o Maleitosan! Viva o Fontol!"
A estes vivas o coronel Jeca aumentou mais um. Foi quando apareceu o grande "liquida-insetos" chamado DETEFON e ele o experimentou na miuçalha da fazenda: pulgas, percevejos, piolhos, baratas, pernilongos e moscas. Deixou aquilo lá sem um só bichinho para remédio.
Não contente com isso, Jeca tomou o hábito de nunca sair a cavalo ou de automóvel sem levar a tiracolo a bomba de pulverizar o DETEFON. Entrava nos casebres de beira de caminho e antes do "Bom dia!" punha-se fon, fon, fon, detefon, a pulverizar tudo, coisas e gentes. Quando acaba, dizia:
- Ninguém faz a conta dos males que estes bichinhos causam à humanidade, como transmissores de moléstias... e dava mais umas bombadas de lambuja.
E a curar gente da roça passou Jeca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estátua ou grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda morreu de consciência mais tranqüila. Havia cumprido o seu dever até o fim.

XVIII

Meninos: nunca se esqueçam desta história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas. Além de ser para eles um grande benefício, é para você um alto negócio. Você verá o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.
Uma país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente.
Ora, Ter mais saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí. E o grande remédio que combate o amarelão, esse mal terrível que tantos braços preciosos rouba ao trabalho, é a ANKILOSTOMINA. Assim como o grande conservador da saúde, que produz energia, força e vigor, chama-se BIOTÔNICO FONTOURA.

Envie esta página.
Digite o endereço eletrônico para quem você quer enviar:

Enviar